SONHO
D'UMA
NOITE DE S. JOÃO

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO

CASTILHO

THEATRO DE SHAKESPEARE

1.ª TENTATIVA

SONHO

D'UMA

NOITE DE S. JOÃO

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON — PORTO | EUGENIO CHARDRON — BRAGA
1874

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OPULENTADOR DA LINGUAGEM VERNACULA
E DA LITTERATURA PORTUGUEZA

Offerece com um eſtreito abraço

O ſeu

CASTILHO.

FIGURAS DO DRAMA

THESEU *(Theſeus)* — Duque de Athenas.
EGEU *(Egeus)* — Pai de Hermia.
LYSANDRO *(Lyſander)*
DEMETRIO *(Demetrius)* } Namorados de Hermia.
PHILOSTRATO *(Philoſtrate)* — Intendente dos divertimentos peſſoaes de Theſeu.
MARMELO *(Quince)*, carpinteiro
CANELLAS *(Botton)*, tecelão
GAITINHAS *(Flute)*, folleiro
TROMBAS *(Snout)*, caldeireiro
RABOTE *(Snug)*, marceneiro
ESFOMEADO *(Starveling)*, alfaiate } Meſteireiros de Athenas.
HYPPOLITA *(Hippolyta)* — Ex-Rainha das Amazonas.
HERMIA *(Hermia)* — Filha de Egeu, e amante de Lyſandro.
HELENA *(Helena)* — Amante de Demetrio.
OBERON *(Oberon)* — Rei dos genios.
TITANIA *(Titania)* — Rainha das fadas.
PUCK ou ROBIM ou ROBINO *(Puck)* — Traſgo.
FLOR DA ERVILHA *(Pea's Bloſſom)*
TEIA D'ARANHA *(Cobweb)*
PHALENA *(Moth)*
SEMENTE DE MOSTARDA *(Muſtard-ſeed)*
UMA FADA. } Sylphides.

FADAS e eſpiritos da comitiva de OBERON e TITANIA. Sequazes de THESEU e de HYPPOLITA. MUSICOS.

SONHO
D'UMA
NOITE DE S. JOÃO

ACTO I

QUADRO I

Sala nos Paços do Duque Thefeu em Athenas.

SCENA I

THESEU, HYPPOLITA, PHILOSTRATO e SEQUITO

THESEU

Emfim, gentil Hyppolita,
já tardou mais a hora
das noffas fauftas nupcias;
mais quatro dias fóra,
e a lua nova entrou.
Como efta velha lua
teimofa inda recua
o bem que anciando eftou!
parece impia madrafta
que adrede e ácinte afafta

o inſtante de entregar
a joven orphão ſoffrego
a fortunoſa herança,
que é d'elle, e cuja eſp'rança
o cança a delirar.

HYPPOLITA

Paciencia; quatro dias
breve na ſombra eſcoam;
e quatro noites voam
ſonhando-ſe alegrias.
Calma a impaciencia tua;
ver-ſe-ha, não tarde, a lua
ſeu arco argenteo erguer;
momento em que aos amores
priſões de eternas flores
deve Hymeneu tecer.

THESEU

Philoſtrato, vê ſe apreſtas
condignos jogos e ſcenas,
com que os mancebos de Athenas
dêm realce ás noſſas feſtas.
Melancholias e penas
vão lá para os funeraes;
em meus Paços feſtivaes
tão ſó folgazãs Camenas.

(Sai Philoſtrato.)

SCENA II

THESEU, HYPPOLITA e SEQUITO

THESEU *(para Hyppolita)*

Minha guerreira intrepida,
ſe te venci com a eſpada,
hoje triumphas arbitra
d'eſt'alma avaſſalada.
Delicias, eſpectaculos,
goſos a cada paſſo,
auſpicios dêm proſperrimos
ao noſſo mutuo laço.

SCENA III

THESEU, HYPPOLITA e SEQUITO, EGEU, HERMIA,
LYSANDRO e DEMETRIO

EGEU

Proſperidades mil ao Duque, ao gran Theſeu.

THESEU

Graças. Que novas ha, fiel, honrado Egeu?

EGEU

Novas ruins, meu Duque: um pai que hoje se humilha
ante o seu soberano a denunciar-lhe a filha,
o sangue do meu sangue: a minha Hermia.

(Para Demetrio)

Vem,
Demetrio.

(Para Theseu)

Meu senhor, este mancebo tem
palavra que lhe eu dei de ser meu genro.

(Para Lysandro)

Agora
tu, Lysandro.

(Aproxima-o ao Duque)

Meu Duque, este homem na má hora
m'a enfeitiçou.

(Para Lysandro)

Sim, tu, Lysandro seductor,
tu, co'a fascinação dos versinhos de amor,
lograste embelecar-m'a. As trocas de mimimhos,
prenda vai, prenda vem, juntando-se aos versinhos,

alhearam-m'a de ſi. Quem lhe ia deſcantar
de baixo do balcão por noites de luar
refalſados bemóes em trovas embuſteiras,
ſenão tu? Quem lhe fez cadeias feiticeiras
de cabello meſclado entre o oiro da manilha?
Tu; tu tens-me encarchada a minha pobre filha
co'os diches dos anneis, das cifras, co'as chouchices
de mólhinhos de flor, bolos, e gulodices;
mimos ſim de nonáda, e mas inſidias certas
para vencer deſdens de moças inexpertas.
É verdade! a poder de tanta ſeducção,
roubaſte a filha ao pai, e ao meu ſeu coração.
Tão ſujeitinha me era! e encontro-a uma altanada.
As razões paternaes foram com ella nada.
Ao meu bom Duque a trago; e ante elle lhe declaro
que ou ſe ha-de receber co'o genro que me é caro,
co'o meu Demetrio, e logo, ou a relaxo ás penas
que ás más filhas impôz no foral velho Athenas.
A lei diz que ella é minha; eu dou-lhe á eſcolha a ſorte:
ou aceitar Demetrio, ou reſolver-se á morte.

THESEU

Vamos lá gentil donzella;
é preciſo
que Hermia penſe com juizo.
Filha ao pae não ſe rebella;
pai e Deus aos olhos d'ella
devem ter egual valor.

Da lindeza que em ti brilha
deves n'elle amar o auctor.
Sem o pai, que fôra a filha?
és a eſtatua; elle o eſcultor.
Quando a obra deſcontente
ſeu auctor,
não póde eſte em continente
immolal-a ao ſeu furor?
É Demetrio um guapo nobre.

HERMIA

E Lyſandro?

THESEU

Embora o ſeja;
em Demetrio é que deſcobre
teu pai genro qual deſeja;
tanto baſta. Se a balança
pende egual de parte a parte,
onde um pai ſeu pezo lança,
decidiu; é ſujeitar-te.

HERMIA

Se meu pai viſſe como eu
n'eſte confronto, oxalá!

THESEU

Mas não vê; ceda pois já,
ſem mais, teu juizo ao ſeu.

HERMIA

Não ſe offenda Voſſa Alteza.
Um poder que eu propria admiro,
contra o qual não ſei defeza,
é quem dita o que eu profiro.
Sim; é mais que atrevimento
em donzella o pôr notorio
em tão claro conſiſtorio
de ſeu peito o ardor violento.
Mas pergunto: a que ſupplicio
me exporão ſe affoita eu ouſo
reſiſtir ao ſacrificio
de me unir a odiado eſpoſo?

THESEU

Ou ſer morta, ou ſer banida
para ſempre d'entre a gente.
Ou perpetuo adeus á vida,
ou viver perpetuamente
n'um ſepulchro ſubmergida.
Olha a tua mocidade!
ouve o teu interior!
de ti meſma tem piedade!
penſa e eſcolhe.

Se a vontade
de teu pai falſeada fôr,

terás força ou coração
que refifta á dôr fem termo
de gemer em folidão,
entrajada á laia do ermo,
infecunda entre infecundas,
a cantar de dia a dia
fob abobadas profundas,
quando em lagrimas te inundas,
gloria á Deufa auftera e fria,
á felvatica Diana?
Virgens ha nos córos d'ella
de pureza fobre-humana,
que a tal forte chamam bella;
bem o fei; mas flor ditofa
é a rofa que fe colhe.
A efquecida onde fe esfolhe
entre efpinhos, nem é rofa;
vive e morre eftranha a amor;
fó gofou da foledade.

HERMIA

Antes fó murchar-me em flor,
do que em mão que não me agrade.

THESEU

Inda a hora não é vinda
da tremenda efcolha tua.
Penfa, penfa, é tempo ainda.

Quando aponte a nova lua
que ha-de unir ſeu fado ao meu,

(indicando Hyppolita)

n'eſſe dia Hermia morreu
expiando co'a exiſtencia
a filial deſobediencia;
ou ſó foge á morte dura
a Demetrio recebendo,
ou correndo
ao refugio da clauſura.
Penſa, e elege; é triple a ſorte:
ſer eſpoſa, ou dada á morte,
ou ás aras de Dianna
ir votar-te, ſem piedade,
á triſteza mais tyranna,
e a perpetua virgindade.

DEMETRIO

Hermia, Hermia, ah! ſê piedoſa,
pois bondoſa o céo te ha feito.
Tu, Lyſandro, n'eſte pleito
que direito
ao meu pódes contrapôr?

LYSANDRO

Se dá jus a um laço eterno,
ó Demetrio, o amor paterno,
vai, defpofa o genitor.
Hermia bella a mim fó ama;
praz-te dama
que te opponha alheio amor?

EGEU

Sim, Lyfandro zombeteiro,
tenho affecto verdadeiro
a Demetrio; e em favor feu
livre cedo o que é fó meu;
cedo-lhe Hermia porque é minha.
Quanto jus fobre ella eu tinha
todo a elle o transferi.

LYSANDRO *(a Thefeu)*

Meu fenhor, quanto a nobreza
(alto e claro o affoalho aqui)
não me excede o meu rival.
Quanto ao mais, fem altiveza
lhe direi que me não val.
Meu amor ao feu tranfcende;
fe tem bens não n-os pretende,

a-la-fé aos meus oppôr.
Mas por cima de tudo isto,
não tem elle, e eu tenho, e insisto,
de Hermia o firme, o santo amor.
Porque logo deveria
quem de tanto se gloria,
com razão,
renunciar a Hermia bella,
se antes mesmo que a mão d'ella,
já lhe tenho o coração?
E Demetrio (aqui lh'o ouso
exprobrar) recorde Helena,
que elle amou, que elle condemna
co'o seu genio mariposo
ao mais barbaro penar!
ella, a filha de Nedáro,
virgem linda,
que deixada ao desamparo,
ao seu monstro ingrato e caro
toda extremos guarda ainda
em seu peito acceso altar.

THESEU

Já (confesso) o tinha ouvido;
tinha até já resolvido
com Demetrio conversar
n'esse objecto melindroso;
mas em vesperas de esposo
tive mais em que pensar.

Tu, Demetrio, e tu, Egeu,
vinde ſós comigo; temos
grave aſſumpto que tratemos,
vós, mais eu.
E tu, Hermia, é ver ſe dobras
eſſe genio, e ſe recobras
co'a obediencia um pai; ſenão,
já te diſſe a alternativa;
noſſas leis bem claras ſão:
cadafalſo, ou ſolidão;
morte em flor, ou no ermo viva.

(Reparando em que Hyppolita eſtá com os olhos marejados fitos em Hermia)

Linda Hyppolita, que magoa
pôz teus olhos razos de agoa?
Vamos, vinde os dois tambem;
vós, Demetrio, e Egeu, convém
praticarmos ſós por ſós
coiſa ás bodas concernente,
e outras mais, que a ambos vós
intereſſam grandemente.

EGEU

Senhor, vamos; tal dever
é prazer.

(Saem todos menos Lyſandro e Hermia.)

SCENA IV

LYSANDRO e HERMIA

LYSANDRO

Que tens, encanto amado?
que pallidez!
como o florir rozado
ſe te esfolhou na tez!

HERMIA

São rozas ſem rocío;
e mas porém,
nos olhos trago bem
com que as regar em fio.

LYSANDRO

D'entre milhões de amores
que li e ouvi,
nem um iſento a dores
pude extremar 'té 'qui.
N'uns a deſegualdade
de geração......

HERMIA

Triſte diſparidade!
a nobre co'o villão!

LYSANDRO

N'outros a incongruencia
de annos......

HERMIA

Que horror!
Caſada a floreſcencia
co'o invernal rigor!

LYSANDRO

Aqui furor paterno
força o querer......

HERMIA

Que tormontoſo inferno!
por olhos de outrem ver!

LYSANDRO

Embora a ſympathia
poſſa depois
vir por milagre um dia
a congraçar os dois;
uma doença, a guerra,
a morte emfim,

medonho cherubim,
do Eden os defterra.
Ephemera ventura!
    fom que abalou!
fombra fugaz! doçura
que a alma entrefonhou!
relampago que ao fundo
    nocturno véo
fubito arranca um mundo
de terra, mar, e céo,
e antes que um filho de Eva
    profira: *Olhai!*
já o enguliu a treva.
Tudo que apraz fe efvai.

HERMIA

Se pois é lei do fado
    que fempre a dôr
caminhe negra ao lado
do verdadeiro amor,
vamos foffrendo a noffa
    como os demais.
Quem ha que amando poffa
negar-fe ao pranto e aos ais,
bem como aos devaneios,
    ao vão fonhar,
aos fervidos anceios,
ao longo sufpirar?

São o cortejo infaufto
d'efta paixão,
que fez fempre holocaufto
do humano coração.

LYSANDRO

Affisado penfar! mas houve uma lembrança
que em bem me occorre agora, e me enche de efperança:
a fete legoas fó da noffa Athenas, fóra
portanto já do alcance a leis funeftas, móra
uma viuva rica e fem filhos, matrona
cujo amor, pois me é tia e me quer muito, abona
a ti e a mim, por mim mais filho que fobrinho,
um refugio feguro, e ao noffo enlace um ninho.
Se pois o teu amor é qual o julgo, fai
na calada da noite, amanhã mefmo, e vai
fugida ao patrio lar, que te agoirava morte,
sob um céo protector, achar o teu conforte,
no bofque legoa fó diftante da cidade,
lá onde te encontrei na gran feftividade
do primeiro de maio. Alembras-te? a primeira
vez que nos vimos; não? a tua companheira
por fignal que era Helena.

HERMIA

Oh! fim! prometto; juro,
gentil Lyfandro meu, pelo arco mais feguro

que amor póde brandir, pela auri-plumea frecha
melhor do ſeu carcaz, pelo candor ſem pecha
das pombas de Cyprina, e pelos nós que prendem
e aditam corações que em mutuo amor ſe accendem,
pelo fogo em que ardera a miſerrima Dido
quando viu dar á vella o teucro fementido,
pelo ſem conto emfim de perfidas promeſſas,
em que teu ſexo ao meu bem póde pedir meſſas,
ámanhã lá ſerei no prazo dado.

LYSANDRO

Amor,
não faltes.
Olha Helena! é ella.

SCENA V

LYSANDRO, HERMIA, HELENA

HERMIA

Que favor
dos céos, formoſa amiga! a que és vinda?

HELENA

Eu, formoſa!
deſdize-te; eſſa gloria é Hermia quem á goſa.

Deu-te o amor de Demetrio o fôro da lindeza;
feliz quem é formofa! A alma no amor acceza
tem por norte em feu rumo a luz dos olhos d'ella;
a voz enamorada encantos lhe revela,
como ao paftor o ouvir da cotovia a efparfa,
quando verdeja o trigo e entra a abrolhar a farça.
Ah! pegar-fe a doença, e não a formofura!
a tua, minha amiga, é que era uma ventura
fe eu a tomaffe, e já! D'effes olhos queria
o explendor; d'effa falla a maga melodia.
Se o mundo foffe meu, dava-o todo, á excepção
de Demetrio tão fó, pela transformação
de mim em ti, de Helena em Hermia. Ah! por piedade
que me enfines como é que a altiva liberdade
de Demetrio rendefte.

HERMIA

Ignoro; eu, fempre enfados
com elle; elle comigo eternamente agrados.

HELENA

Tem os enfados teus com elle mais encanto,
que todo o meu forrir-lhe.

HERMIA

Eu o maldigo em quanto
elle por mim fe fina.

HELENA

Ai! foſſem perſuaſivas
mais que eſſas maldições as minhas rogativas!

HERMIA

Quanto o abomino mais, mais elle me perſegue.

HELENA

Repulſa o meu amor, e o meu amor o ſegue.

HERMIA

Se é louco, é minha culpa?

HELENA

E eu culpo-te? Só digo
que as graças, de que o céo foi prodigo comtigo,
ſão a minha deſgraça, e foram-me ventura
ſe as eu poſſuiſſe em mim.

HERMIA

Pódes ficar ſegura
de que não torna a ver-me. O meu Lyſandro e eu, cedo
vamos fugir d'aqui, d'Athenas, d'eſte ledo

Elyſio meu, que o foi por certo até á hora
em que aviſtei Lyſandro, e é meu inferno agora.
Tomára comprehender como é que amor opéra
metamorphoſes taes!

LYSANDRO *(para Helena)*

A explicação ſincera
d'eſte enigma, eil-a aqui: quando o roſto argentino
Phebe ámanhã mirar no eſpelho neptunino,
e as relvas aſpergir de liquidos diamantes,
prazo ſempre propicio ás evaſões de amantes,
fugimos, Hermia e eu.

HERMIA *(para Helena)*

Lembra-te aquella ſelva
onde ambas tanta vez ſós na florida relva,
reclinadas a par (ditoſas innocencias!)
trocavamos ſem medo as noſſas confidencias?
pois lá é que ha-de ſer o noſſo encontro; damos
a eſpalda ſem ſaudade a Athenas, e voamos
para remoto ſitio e mais benigna gente.
Socia minha fiel nos brincos de innocente,
miſera Helena, adeus! ora por nós; e poſſa
dar-te algum dia o céo ventura egual á noſſa,
unindo-te a Demetrio.

(Para Lyſandro)

Alembra-te do ajuſte,
e não faltes, Lyſandro. Embora, embora cuſte,
adeus; não ha remedio; é força que ſe privem
os olhos do manjar de que os amantes vivem,
até que ámanhã chegue a fauſta noite.

LYSANDRO

Crê
que não hei-de faltar, minha Hermia.

(Sai Hermia.)

SCENA VI

LYSANDRO e HELENA

LYSANDRO

O céo te dê
encontrar em Demetrio extremos taes, que aos teus
nada fiquem devendo. Adeus Helena! adeus!

(Sai.)

SCENA VII

HELENA, ſó

Umas naſcem com proſperas fadas,
naſcem outras nas horas minguadas.
Toda a gente a dizer: *Hermia é bella,*
mas Helena não n-o é menos que ella.
Que aproveita o que diz toda a gente,
ſe Demetrio no voto diſſente?
Não quer ver o que os mais eſtão vendo,
e elle não.
Tens myſterios que eu não comprehendo,
coração!
Elle, eſcravo de barbara eſquiva;
eu, de um barbaro ingrato captiva!
Ai amor! como as coiſas tranſtornas!
que de objectos aliás ſem valia
de encantos adornas!
em vez de olhos ſó tens phantaſia.
Não debalde pintaram Cupido
deus vendado;
anda á toa co'o tino perdido.
Cego e alado
quer dizer que a deſpenhos ſe atira
ſem cuidar.
Creancinha, não ſabe extremar
bem, de mal; da verdade, a mentira.

Por folgar, muchachitos maganos
sóem armar entre ſi mil enganos;
é teor
que tambem a brincar uſa amor.

Emquanto Demetrio notado não tinha
os olhos da Hermia, ninguem lhe continha
a abrupta ſaraiva de juras a mim.
Mal Hermia lhe raia, põe ſubito fim
a tantos granizos, derrete-os, mudados
na chuva que chovem meus olhos cançados.

Pois vou revelar-lhe que a ſua beldade
na proxima noite nos foge. Oh! ſe elle ha-de
ao boſque ſeguil-a! Se m'o elle agradece
bem paga me fico; depois, ſe acontece
que ſós regreſſemos os dois para Athenas,
que premio! e que allivio não tem minhas penas!

QUADRO II

Na mefma cidade de Athenas. Cafa de malta de varios officiaes mechanicos.

SCENA VIII

MARMELO (carpinteiro). MESTRE RABOTE, (marceneiro). MESTRE CANELLAS (tecelão). GAITINHAS (folleiro). TROMBAS (caldeireiro). ESFOMEADO (alfaiate).

MARMELO

Falta inda alguem da gente da comedia?

CANELLAS

Faze a chamada e logo o fabes.

MARMELO

Temos
no rol quantos artifices de Athenas
pareceu que melhor dariam conta
do auto famofo deftinado ás bodas
do Duque e da Duqueza. O cafo é ferio.
Vai-fe reprefentar ás barbas d'elles,
e no proprio palacio.

CANELLAS

Antes de tudo,
meſtre Pedro Marmelo, é bom ſabermos
o aſſumpto do auto; os nomes dos actores
ler-ſe-hão depois; ſem regra não ſai obra.

MARMELO

Fallou bem. Pois o titulo do auto
é: «A MAIS QUE INFELIZ TRAGI-COMEDIA
«EM QUE SE AMOSTRA A DESASTRADA MORTE
«DOS AMANTES LEAES PYRAMO E THISBE.»

CANELLAS

Sim ſenhor; obra prima em realidade!
Vá lá, Pedro Marmelo, agora chame
os ſocios pelo rol; regrinha em tudo.
Rapazes, alinhar.

(Enfileiram-ſe)

MARMELO

Cada um reſponda
ſó quando fôr chamado.

(Deletreando na lista)

Mestre.... Nico....
Nicolau, por alcunha *o das canellas,*
tecelão.

CANELLAS

Que papel? declare-o, e siga.

MARMELO

Fazes Pyramo.

CANELLAS

O Pyramo é tyranno,
ou galã?

MARMELO

É galã, galã tão fino,
que por amor se mata.

CANELLAS

Então já vejo
que para a coisa se fazer com regra,
hei-de chorar. Verão como se alagam
em bátegas de pranto os meus ouvintes.
Ha-de ser dôr debaixo de preceito.
Siga aos mais. O meu fórte era tyranno;
déssem-me um papel de Hercules, veriam
se os montes de me ouvir se não rachavam.

(Declamando enthuſiaſticamente)

As rochas ſe abalam
em furia aos ſacões!
os gonzos eſtalam
das negras prisões!
de Phebo a carroça
remette co'os fados,
que eſtavam em paz,
e por adoidados
mettendo-os em troça,
os faz e desfaz.

Que ſublime!!...
Adiante as mais peſſoas.
Aſſim é que ſe expreſſa um bom tyranno,
como Hercules; galãs ſão mais avioſos.

MARMELO *(chamando pela liſta)*

Gaſpar Gaitinhas, o folleiro.

GAITINHAS

Prompto,
meſtre Marmelo.

MARMELO

O teu papel é Thisbe.

GAITINHAS

Que é Thisbe? algum andante cavalleiro?

MARMELO

Qual! a amada de Pyramo.

GAITINHAS

Senhora?
eu! co'a barba a pungir já n'eſtes queixos!

MARMELO

Adeus! vai de caraça; e emquanto á falla,
pódel-a adelgaçar quanto quizeres.

CANELLAS

Eu, ſe ha licença de eſconder a cara,
poſſo tambem ſer Thisbe. Em voz prometto
que ſovelão nenhum me leve as lampas;
quando não, oiçam.

(Fazendo falla de mulher)

«Thiſne! Thiſne!»

(Fallando no ſeu tom natural)

Eſperem
que me enganei.

(Tornando a fazer falla de mulher)

«Ah! Pyramo querido!
tua Thisbe querida, a tua dama
querida......»

MARMELO

Nada, nada. A tua parte
é Pyramo; a de Thisbe é do Gaitinhas.

CANELLAS

Vá lá, proſiga.

MARMELO *(chamando pela liſta)*

Meſtre Esfomeado,
alfaiate.

ESFOMEADO

Preſente, e ás ſuas ordens,
ſôr Marmelo.

MARMELO

Alfaiate o Esfomeado:
o alfaiate fará de mãi da Thisbe.

(Chamando pela lifta)

Thomaz Trombas, o meftre caldeireiro.

TROMBAS

Cá eftou, Pedro Marmelo.

MARMELO

É o pai de Pyramo,
e eu o da Thisbe. Tu......

(Chamando pela lifta)

Meftre Rabote,
marceneiro, o lião. Temos o auto
diftribuido a primor; não lhes parece?

RABOTE

Se ahi tem a parte do lião efcripta,
venha lá, que eu fou rombo da *mimoria.*

MARMELO

Deixe-o ſer; improviſe; o caſo todo
é rugir.

CANELLAS

O lião tambem o eu quero;
verão que bruto! rugirei por modo,
que regale o auditorio. Até Sua Alteza
me ha-de gritar «bis! bis!»

MARMELO

Se amedrontaſſes
bem de mais, aterravas a Duqueza
e as damas; era tudo em alaridos;
e nós, acto contínuo, á dependura.

TODOS

Que de cachos! arreda!

CANELLAS

Iſſo é verdade,
rapazes; ſe endoidaſſemos de medo
as damas, ſempre lá lhes ficaria
com luz quanto baſtaſſe de beſtunto
para nos pôr na fôrça; mas deſcancem,

que eu hei-de pôr na voz abafadores,
por modo que o rugir mais sôe a arrulho
de pomba namorada; hei-de rugir-lhes,
que nem um *raxinol*.

MARMELO

Adeus; já disse:
o teu papel é o Pyramo, e mais nada.
O Pyramo, vês tu? é um rapazote
de aspecto prazenteiro, um Rodriguinho
todo alfenado, á laia de uns que vemos
nos passeios do estio espanejar-se;
mui senhor, muito amavel; está dito:
has-de fazer o Pyramo.

CANELLAS

Pois seja.
Que barba devo eu pôr que mais condiga
co'o tal figuro?

MRMELO

Eu sei! a que quizeres!

CNELLAS

Tenho uma côr de palha, tenho a outra
côr de laranja, tenho uma escarlate,

e tambem tenho a outra, affim tirante
a grenha de francez, toda amarella.

MARMELO

De francez, fe o francez não fôr pellado.
Farás o teu papel efcanhoadinho,
que é melhor; mãos á obra, meus fenhores.
Aqui tem cada um a fua parte.
O que eu peço, encommendo, e recommendo,
é que as vão aprender a toda a preffa,
que ámanhã á tardinha enfaia-fe ifto
na matta convifinha do palacio,
d'aqui menos de legoa, ao luar; fe foffe
cá na cidade o enfaio, Deus nos livre!
eram logo olheirinhos a efpreitar-nos,
rompia-fe o fegredo, e a brincadeira
previfta já, fahia-nos aguada.
Agora vou fazer o apontamento
de tudo que é mifter para effectuarmos
a reprefentação; ninguem me falte,
por quem fão!

CANELLAS

Lá feremos. Boa idêa
teve o meftre Marmelo. Affim o enfaio,

ſem medo de mirões, corre mais livre;
ſempre ha mais deſaffogo. Andar. As partes
bem ſabidinhas. Fóra já!

MARMELO

Sentido.
No Carvalho do Duque é o prazo dado.

CANELLAS

Bom. Dê por onde dér não faltaremos.

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II

QUADRO III

Logar ſelvatico ás abas de Athenas.
Noite de lua.

SCENA I

Entra de um lado uma FADA, e do outro um TRASGO, que eſtá continuamente em movimentos de brincalhão.

TRASGO

Por onde é o ir, eſpírita?

FADA

Por valles, por oiteiros,
por ſeves de eſpinheiros,
mattas e matagaes.
Traſpaſſo o fogo, as aguas;
tudo me dá paſſagem,
ſuaviſſima viagem
como as da lua, e mais.

Sirvo a Rainha; os circulos
que ella abre nos relvados,
ſendo por mim regados,
criam-lhe a noſſa flôr:
as prímulas. Das prímulas
as mais cimeiras, ella
ſuas as chama, as zela
com maternal amor.
Ver-lhe a roupagem aurea
de pintas ſalpicada!
ſão os rubis da fada,
e alma fragrancia dão.
Mandou-me agora ás perolas
do orvalho, e as mais fulgentes,
pendel-as por pingentes,
ao côro ſeu loução.
E adeus tu lá, dos genios
o brincalhão mais louco!
Titania dentro em pouco
ſerá n'eſte logar.
As fadas do ſeu ſequito
hemos de acompanhal-a.
Adeus, jogral, abala;
não poſſo mais tardar.

TRASGO

Aqui eſta noite fazemos nós feſta
co'o noſſo Monarcha. Vai, vai, boa fada,
livrar a Rainha de que entre á floreſta,

nem ſeja por elle de longe aventada,
que El-Rei Oberon,
com todos ſeus genios, tão dado, e tão bom,
contra ella arde em furia por cauſa do infante
que a um Rei lá das Indias furtára e inceſſante
conduz a ſeu lado. Jámais houve pagem
que a eſte em lindeza levaſſe vantagem.
O eſpoſo tem zelos, por iſſo queria
tal pagem tirar-lhe que aos ſeus juntaria,
e ſempre o traria comſigo correndo
por ſerras e boſques. Titania acha horrendo
o antojo do eſpoſo;
tem prezo e não larga ſeu pagem formoſo;
corôa-o de flores, não vê, nem quer ver
no mundo outra gloria nem outro prazer.
Ahi tens porque nunca ſe encontram em matta,
em prado, em naſcente de liquida prata,
debaixo do manto celeſte broſlado,
ſem mutuas querellas, ſem riſpido enfado;
a ponto que os ſylphos, de medo trementes,
ſe allapam na concha das landes pendentes.

FADA

Tu és por força o eſpirito
perpetuo galhofeiro,
maliciofo, trefego,
amavel trapaceiro,
que tem por nome e titulo
Robim o brincalhão,
pois não?

Não és? não és o genio
que assusta as aldeanitas,
peças de todo o genero
faz para as ver afflictas,
e na cozinha rustica
põe tudo de travez?
não és?
desnata o leite, em liquido
deixa a manteiga, impede
que dê farinha a machina,
e que o fermento azede,
e estafa a errar por gandaras
do viandante os pés?
não és?
e quanto mais descommodos
causou, mais ri; mas ama
a quem, «lindinho magico»
e «bom duendinho» o chama;
a esses taes ajuda-os,
colma-os de bens sem fim;
és? sim?

TRASGO

Sim o tal sou que leva á tuna
a noite em peças; por fortuna
comsigo ás vezes distrahir
El-Rei meu amo, e faço-o rir.
Vejo um cavallo socegado,
de boa fava arraçoado,

dou-lhe de longe o meu relincho
de egoa amorofa; é logo um pincho,
e orelha fita. Encontro a Brazia,
comadre féria, ancha, e durazia,
que eftá co'o olho na bebida,
faço-me, zás! maçã cozida
dentro na malga occultamente;
põe-fe a beber; vou de repente,
filo-lhe o beiço. A velha fula
pula; a cerveja com ella pula;
verte-fe e toda fe defata
pelas beiçolas e barbella
rugofa, flaccida, amarella,
d'ella; não ha, não ha cafcata
de tanta graça como aquella!
Auftéra avó para contar
um cafo atroz de arripiar,
quer-fe affentar na tripecinha
que ao lado enxerga, e em que eu me tinha
mudado adrede; eu fujo, e truz!
fentou-fe no ar, cai de chapuz!
fica no chão amezendada;
falta-lhe a toffe; quer furgir,
a toffe crefce; eftá damnada;
e tudo doido! a rir! a rir!

(Para a Fada, e em voz mais baixa)

Chega Oberon; fume-te, Fada.

FADA

E lá vem a minha
ſenhora Rainha
tambem.
Ai! ſe ſe encontraſſem
e os odios findaſſem
em bem!

SCENA VII

FADA, o TRASGO, OBERON que vem com ſeus GENIOS do meſmo lado d'onde ſaíra o TRASGO, e TITANIA que vem com as ſuas FADAS do lado oppoſto.

OBERON

Máo encontro ao luar, féra Titania!

TITANIA *(á parte)*

Olá!
o zeloſo Oberon!!

(Para as Fadas)

Fadas, partir, e já.
Reneguei o ſeu leito e a ſua convivencia.

OBERON *(Para Titania)*

Pára, louca ſem pejo; exijo obediencia;
marido ſou.

TITANIA

Então trate-me como eſpoſa.

(Sorrindo ironica)

Supporá que não ſei que me falſeia? que ouſa
muita vez deſertar da região das Fadas
feito em paſtor Corino, e á ſombra das ramadas
paſſar dias ſentado, a modular na avena
verſos de amor, a par com Filis toda amena?
E porque ora vens cá deſde a eſcarpada zona
confins da India? á fé que é ſó porque a amazona
velhos amores teus, a fanfarrona heroina,
que fez, calçada á macha, as guerras, determina
caſar-ſe com Theſeu. As tuas preſſas todas
foram (bem claro eſtá) para auſpiciar-lhe as bodas.

OBERON

Ó Titania! pois tu atréves-te a accuſar-me
de deſlealdade! a mim! atréves-te a exprobrar-me
Hyppolita? eu não ſei que amavas a Theſeu?
a Perigene, áquella a que elle pertenceu,

e a quem raptado havia, emfim, não n-o raptaſte
n'uma lumioſa noite? a fé não lhe quebraſte
que elle tinha jurado á linda Egle? áquella
gentil Ariadne? e á outra, a Antiope tão bella?

TITANIA

Mentiras do ciume! Inda deſde o ſolſticio
nem uma vez, que é uma, a nocturno comicio
concorremos em alto, em baixa, em valle, em prado,
em boſque, ao pé de arroio em juncos enredado,
ou de fonte a manar por leito de ſeixinhos,
ou em praia ao troar dos eſcarceos marinhos,
para entrançar em paz noſſas dançantes rondas,
ao ſiciar do vento, e ao frémito das ondas,
nunca, nunca jámais, que as tuas gritarias
não vieſſem dar mate ás noſſas alegrias.
Por iſſo ha tanto tempo os ventos deſvezados
de nos flautear feſtins, ſe vingam bem vingados,
trazendo-nos do mar funeſtos nevoeiros:
incham-ſe na campanha arroios a ribeiros;
ribeiros a raudaes, que as margens arrazando
vão affogar as chãs. Andou-ſe o boi cançando
em vão; ſuou de balde o lavrador; e a meſſe
antes de engradecer nas leiras apodrece;
inundam-ſe redís; perecem greis; o armento
morto no campo, abunda aos corvos mantimento;
dos jogos o terreiro é lodo; o labyrintho
das ſendas no relvado, um cahos; indiſtincto
aos miſeros mortaes o inverno, deſſagrado
do ſeu cantar devoto e villancíco amado.

Tambem por isso a lua, essa arbitra dos mares,
pallida de rancor, humedecendo os ares,
doenças mil produz. Co'a aerea intemperança
não ha já de estações aspecto nem mudança:
vai no seio poisar da rosa purpurina
a branca, a arripiada, a crespa carambina,
em quanto, por escarneo ás quadras mais louçãs,
co'um festão de botões das barbas orna as cãs
e a calva luzidia o velho inverno. O que era
d'antes estio, outomno, inverno, e primavera,
é tudo um mixto agora, horrenda mascarada
das quadras, co'a libré toda entre si trocada.
De que provém tudo isto? Ah! sabe-o, se o não pensas:
das nossas dissenções, das nossas desavenças;
a culpa é toda nossa.

OBERON

Então põe-lhe limite.
Será bem que Titania o seu esposo irrite?
Que lhe pede Oberon? pede-lhe unicamente
um reles pagemzito.

TITANIA

Ouve-me á boa mente;
escusas de teimar; não posso; preferia
das Fadas abdicar a etherea monarchia
a perder tal menino. A sua mãe tão dada
foi sempre ao culto e amor d'esta familia Fada,

que muita vez eu e ella andámos muito manas
paſſeandito a par n'aquellas indianas
tépidas virações das noites reſcendentes.
Nos loiros areaes ſentando-nos contentes
á beirinha do mar, viamos voadores
ir e vir os baixeis dos groſſos mercadores;
e davamos a rir, notando em cada vella
a bojuda prenhez, obra do vento n'ella.
Era de ver então a minha extravagante
dar comſigo no pégo, alçar o ventre arfante
onde amadurecia o meu futuro pagem,
arremedando o panno inchado pela aragem,
e voltar para terra ufana co'os miminhos
que do mar me trazia em cambio aos meus carinhos.
Ai barqueta gentil d'eſte amoroſo trato!
perdi-te; eras mortal; finaſte-te no acto
de m'o doar á luz. Por ti lhe quero tanto,
que o não largo de mim; certo o não largo.

OBERON

Quanto
has-de aqui demorar-te?

TITANIA

Até ſerem paſſadas
as bodas de Theſeu talvez. Queres co'as fadas

dançar em ſanta paz ao reſplendor da lua?
ſegue-nos; quando não, vai-te; a preſença tua,
ſe a minha te deſpraz, tambem me importa pouco.

OBERON

Entrega-me o menino, e ſigo-te.

TITANIA

Eſtás louco?
nem por todo o teu reino. Andemo-nos, vaſſallas,
antes que maior furia aſſanhe as noſſas fallas.

(Sai com as ſuas fadas por onde eram vindas.)

SCENA III

FADA, o TRASGO, OBERON com os ſeus GENIOS

OBERON *(voltando-ſe para o lado por onde ſaíu a Rainha)*

Vai, que m'o has-de pagar; oh! ſe has-de! e já da matta
me não fais ſem caſtigo, indocil, doida, ingrata.
Vem cá, Traſguinho meu. Lembra-te certo dia,
que eſtando-me eu ſentado em bronca penedia

á beira mar, paſſou cantando uma ſereia
montada n'um delfim? de tal feitiço cheia
era a voz, que ameigava o pégo; e houve eſtrellinhas,
que, para ouvir melhor taes muſicas marinhas,
ſe atiraram do Empyreo ao campo undoſo.

TRASGO

Vi;
lembra-me.

OBERON

O que porém não viſte (porque a ti
te era defezo) e eu ſim, foi o Amor todo armado
voar por entre a terra e a fria lua, irado
contra linda veſtal n'um throno do occidente,
fazer-lhe pontaria, e do arco omnipotente
vibrar-lhe tal farpão com tanta valentia,
que a cem mil corações a eito chofraria.
Baldo tiro; o virote acceſo em fogo amante
apagou-ſe (vi-o eu) no atraveſſar volante
a caſta radiação da lua regelada,
proſeguindo portanto a auguſta coroada
iſenta de paixões os virginaes recreios
de ſeus habituaes e puros devaneios.
Outroſim reparei onde havia caído
o errado paſſador do aligero Cupido;
foi n'uma occidental florinha, antes de neve,
hoje rubra; rubor que á chaga amante deve.
Chamam-n'a *amor perfeito* as raparigas; planta
que um dia te moſtrei; tem um condão que eſpanta

o ſumo d'eſſa flor (vai-m'a buſcar): lançado
nos olhos de quem jaza em ſomno ſepultado,
quer homem quer mulher, faz com que um louco affecto
lhe abraze o coração pelo primeiro objecto
que em deſpertando aviſte. Aqui já de improviſo
eſſa flor; não te dou mais tempo que o preciſo
para um nado de legua ao Leviathan.

TRASGO

Ligeiro
até aqui. Para mim, rodear o globo inteiro
era obra não mais de quarenta minutos.

(Sai.)

SCENA IV

OBERON, ſó

Agora é que vai ver da ſua teima os fructos
a minha cara eſpoſa. Aſſim que me chegar
o deſejado ſumo, hei-de ir mui devagar
ver ſe dorme bem fundo; apenas tal a colho,
é logo uma gottinha infuſa em cada olho.
Quando acorde e os abrir, ao primeiro vivente
que ſe lhe deparar concebe amor ardente;
ſeja embora leão, urſo, toiro bravio,
orangotango, lobo, ou deſcortez bugio,

ſeguil-o-ha namorada. Ora emquanto Titania
delirar (pois ſó eu poſſo curar-lhe a inſania
co'o ſucco d'outra herva) eu a farei largar-me
o ſeu apajador. Vem gente; poſſo eſtar-me
onde eſtou, e eſcutar. Gran privilegio é iſto:
poder ouvir e ver ſem de ninguem ſer viſto.

SCENA V

OBERON, DEMETRIO, e HELENA

DEMETRIO

Não te amo; deixa-me. Onde, onde
Lyſandro e Hermia eſtarão?
ſe acho o logar que os eſconde,
matei-o por minha mão,
como ella tambem me mata.
Dizes-me que ambos cá vem;
chego, corro toda a matta;
que deſeſpero! ninguem!
Deixar-te-has de perſeguir-me?

HELENA

Cabe ao iman que me atrai
de eu me ir traz elle arguir-me?
culpa alheia em mim recai?

DEMETRIO

Moſtrei-te eu nunca ternura?
e nem ſequer polidez?
co'a mais auſtera ſecura
não te hei dito tanta vez:
«Não te amo? não poſſo amar-te?
«não quero amar-te, nem ſei?»

HELENA

És como eu no idolatrar-te;
cumpro um fado; um fado é lei.
Sou o teu fiel cãoſinho;
quanto mais riſpido lhe és,
mais dobras n'elle o carinho,
mais elle te roja aos pés.
Como o teu pobre ſabujo,
deixar-me-hei por ti tratar;
ralha, eſpanca-me, não fujo;
queres-me até deſgraçar?
não me queixo; mas permitte
que eu te poſſa inda ſeguir;
é favor tão ſem limite,
que mal ouſo a t'o pedir.
Com tanto amor ſó requeiro
(olha que humilde ambição!)
a dita de fraldiqueiro,
a ſorte de um triſte cão.

DEMETRIO

Ver-te é fentir meu defgofto
elevar-fe ao galarim.

HELENA

Quanto mais vejo teu rofto,
mais o amor fe ateia em mim.

DEMETRIO

Admiro a temeridade,
que, furda á voz do pudor,
te fez faír da cidade
com quem te não cata amor!
Donzella ha 'hi que fe affoite
a arroftar, flor virginal,
tentações! floreftas! noite!
a noite a tantas fatal!...

HELENA

Para mim é fempre dia
quando o meu fol vendo eftou.
Elle e um ermo, que alegria!
todo o mundo em cambio dou.

DEMETRIO

Fujo; fica-te ſóſinha;
vou-me ſumir nos ſarçaes;
guar'te da furia damninha
dos nocturnos animaes.

HELENA

Onde ha coração nas féras,
que em fereza iguale ao teu?
mas enganas-te ſe eſperas
na fuga correr mais que eu.
Trocas a hiſtoria ſabida:
de Daphne Apollo a fugir,
e Daphne de amor perdida
ſeu Apollo a perſeguir.
Pomba dar caça a milhano,
e corça a tigre que val,
ſe entre victima e tyranno
toda a luta é deſigual?

DEMETRIO

Baſta, baſta de loucura;
já tens delirado aſſaz;
deixa-me, où n'eſta eſpeſſura
ultrajada emfim ſerás.

HELENA

Templos, campo, nem cidade
tem-me livrado até 'qui
de ultrages teus? crueldade
como a tua inda a não vi,
meu Demetrio; os teus rigores,
tua efquivança feroz,
fão mais que deshonradores
de Helena, de todas nós,
que já fomos deftinadas
do céo e em todo o logar,
para fermos requeftadas
e não para requeftar.
Mas ávante! é meu deftino;
d'efte inferno um céo farei,
fe fôr o meu affaffino
aquelle a quem fó amei.

(Sai Demetrio, e Helena apoz elle.)

SCENA VI

OBERON, fó

Antes que tranfponhais a orla da efpeffura,
verás, moça infeliz, como elle te procura
e chora os teus defdens.

SCENA VII

OBERON e o TRASGO

OBERON

Trazes a flor? bemvindo,
meu vadio.

TRASGO

Eil-a aqui.

OBERON

Venha meu Trafgo lindo.

(Recebe as flores da mão do Trafgo)

E outra incumbencia: ha hi um tomilhal povoado
de prímulas reaes, que tem no feu eftrado
por donzellas de honor violetas em cardumes.
Entretecem-lhes fombra e mefclam-lhes perfumes
rofeiras de côr vária, e madrefilva; é lá
o quarto da Rainha. Affim como lhe dá,
em perfixas fazões da noite, a irrefiftivel
precifão de dormir, a camara aprazivel
onde fe acofta é effa; embala-fe nas flores,
e adormenta-fe ao fom de bailes cantadores,

'té que adormece em cheio envolta na camiza
que uma ſerpe deſpiu, fina, moſqueada, e liza.
É tempo; vou-me encher-lhe os olhos deſcuidoſos
d'eſte ſucco, poſſante a inçar-lhe de horroroſos
phantaſmas vãos a ideia. E tu, leva igualmente
d'eſtas flores;

(dá-lh'as)

no boſque has-de encontrar dormente
um moço athenienſe; e perto uma beldade
que o adora, e ſó n'elle encontra crueldade;
põe nos olhos do ingrato o gran feitiço, e vela
em que, mal que os deſcerre, a encontre logo a ella.
Repara no ſignal: trajado á athenienſe.
Vai-te, e arranja iſſo bem; que elle em mais nada penſe,
do que n'ella; e pôr ella em fragoa tal ſe veja,
e inda maior que a fragoa em que ora a triſte arqueja.
E antes que o gallo cante, aqui de novo.

TRASGO

Preſtes
cumprirá voſſo eſcravo as ordens que lhe déſtes.

QUADRO IV

Outro ſitio do boſque onde chamam o «Carvalho do Duque». A um lado o torrão ameniſſimo, eſpeſſura de tomilhos, primaveras e violetas, ſombreada de roſeiras multicores, e madreſilvas, tal como Oberon o deſcreveu ao Traſgo, na ultima ſcena do precedente Quadro. Por diverſas partes á toa alguns relvados e hervançaes incultos.

SCENA VIII

TITANIA e a ſua comitiva de FADAS

TITANIA

Vá um balho de roda e deſcante de fadas!
cada uma irá depois ao que tem de fazer
n'um terço de minuto: ha hi rozas fechadas
por catar; é preciſo ir tambem combater
co'os morcegos, que trago os meus pobres ſilphitos
quaſi nús, e hei miſter de lhes dar caſaquitos
de aza morcega; e cumpre a de mais deſterrar
o mocho gritador que nos leva a piar
por ahi toda a noite. Ha-de ſer pelo medo
que os meus genios ſubtís lhe farão no arvoredo.

Cantae e adormecei-me. Em me vendo dormida,
cada uma ao lavor de que ſe acha incumbida.

(Reclina-ſe na moita florida; as Fadas dançam de roda.)

I.ª FADA *(cantando)*

Vós, malhadas bilingues ſerpentes,
vós, ouriços das cerdas pungentes,
i-vos! i-vos! ſumi-vos! ſumi-vos!
Bichos cegos, lagartos nocivos,
para longe, que a noſſa Rainha
quer dormir deſcançada; eia! aſinha!
fóra todos! deixai-a dormir.

CÔRO DAS FADAS

Filomena cantadeira
ſem parceira no cantar,
Filomena da alegria,
principia
principia a gorgear.

(Começa a cantar o rouxinol)

A Rainha é já na cama.
Vá, derrama, Filomena,
a toada mais amena
com que ſoes adormentar.

Ru ru, a rolar!
a rolar ru ru!
no bercinho tu
ru ru
e nós a embalar!

Maleficios, máos pezares,
máos azares, má venida,
não entredes á guarida
da dormida,
que precisa descançar.
Boa noite! boa noite!
boa noite que te coite!
boa noite! boa noite!

Cá vamos lidar;
repoisa ora tu.
A rolar ru ru!
ru ru a rolar!

2.ª FADA

Ide, aranhas, fiar para os tectos!
vós fumi-vos, pernudos insectos!
caracoes, scaravelhos, bichinhos,
se cá vinheis, trocae os caminhos!
Longe, longe, relé sevandija!
aqui nada que empeça ou que afflija
a Rainha que jaz a dormir.

CÔRO DAS FADAS

Filomena cantadeira,
ſem parceira no cantar,
Filomena da alegria,
aporfia
aporfia a gorgear.
A Rainha é já na cama.
Vá, derrama, Filomena,
a toada mais amena
com que ſoes adormentar.

Ru ru, a rolar!
a rolar ru ru!
no bercinho tu
ru ru
e nós a embalar.

Maleficios, máos pezares,
máos azares, má venida,
não entredes á guarida
da dormida
que preciſa deſcançar.
Boa noite! boa noite!
boa noite que te coite!
boa noite! boa noite!

cá vamos lidar;
repoiſa ora tu.
A rolar ru ru!
ru ru a rolar!

1.ª FADA

Jaz tudo quedo emfim. Não ha já novidade
que poſſa moleſtar a Sua Mageſtade.
Cada uma de nós agora á ſua lida;
que fique uma porém nos ares ſuſpendida
a fazer ſentinella á Rainha dormida.

(Saem todas. Titania pegou no ſomno.)

SCENA IX

TITANIA adormecida e OBERON

OBERON *(expremendo os amores perfeitos nos olhos de Titania)*

O primeiro mortal que deſperta aqui vires,
tal paixão gere em ti, que traz elle delires,
embora ſeja um tigre, ou um gato, ou leopardo,
ou urſo mal lambido, ou cerdoſo javardo.
Em chegando ente vil, abre os olhos; é vindo
o inſtante de acordar. O conjuro eſtá findo.

(Sai.)

SCENA X

TITANIA ainda adormecida, LYSANDRO e HERMIA que chegam

LYSANDRO

Tem paciencia, amada minha;
perdidos no bosque andamos;
saída, em vão a buscamos;
e tu já vens cançadinha.
Melhor é n'este logar
esperarmos que amanheça,
se te apraz.

HERMIA *(reclinando-se na relva)*

Bello! a cabeça
já eu sei onde a acostar;
aqui n'esta fousa relva.
E tu, Lysandro, vê lá
onde has-de dormir. Não ha
falta de colxões na selva.

LYSANDRO *(abeirando-se do mesmo relvado)*

N'esse mesmo cabeçal
caibo eu tambem; par que se ama
não são mais que um; e uma cama
é o throno conjugal.

HERMIA

Iſſo é que não, meu querido;
o meu bom Lyſandro faz
mais longinho em ſanta paz
o ſeu camarim florído.
Peço-lh'o eu.

LYSANDRO

Que má tenção
podia eu ter, minha vida?
teu coração não duvida
do que diz meu coração.
Amor a amor não illude;
não tens como eu eſta fé?
no dormir comigo ao pé
que arriſca a tua virtude?
Não te jurei que ſou teu?
não me juraſte que és minha?

HERMIA

Sim, mas a jura não tinha
tanto alcance, entendi eu.
Não me arreceio de nada;
ſe me eu temeſſe de ti,
o ſizo que reina aqui
procuraſſe outra morada.

Mas ouve, meu doce amor,
não me fiques tão vizinho;
ſe t'o não diz teu carinho,
que t'o diga o meu pudor.
O mundo tudo envenena;
entre o amor de um leal
e um recato virginal
haver barreiras ordena.
Portanto vai deſcançar
mais longinho; ſim? e agora,
boa noite até á aurora;
boa noite, e bom ſonhar.
Ao céo praza que a violencia
com que te abrazas por mim,
ſe mantenha até ao fim
d'eſſa precioſa exiſtencia.

LYSANDRO

Amêm, digo eu cá tambem;
Amêm, a oração tão doce!
quando eu infiel te foſſe,
faltaſſe-me a vida. Amêm.
Já cá topei a jazida.
Boa noite; adeus! adeus!
fecha os lindos olhos teus;
dorme em paz, Hermia querida.

HERMIA

Outra tanta alegre paz
te infundam o fomno e os fonhos,
que fó momentos rifonhos
dormindo desfrutarás.

(Adormecem.)

SCENA XI

TITANIA adormecida, HERMIA e LYSANDRO
adormecidos, e o TRASGO

TRASGO

Por demais corro o bofque, efpreito, e me confumo;
não pefco athenienfe a quem fe impinja o fummo
que diz que géra amor. Só vejo efcuridade,
fó efcuto filencio. Olé! ferá verdade?
enxergo a modo ali alguem deitado. É certo;
é homem; de athenienfe é o feu trajo. Perto,
no humido e frio chão, dorme profundamente
a coitada que o ama, e a quem o alvar defcrente
repulfa com rigor, fegundo affirma El-Rei.
Vejam-n'a. Que fantinha! e donzella de lei:

antes quiz dormir ſó no lodo, que chegada
a um bruto deſcortez, que tem o amor em nada.
Mas deixa eſtar, ſandeu, que vou deſcarregar-te
n'eſſes olhos tal dóſe, e tão ſegundo a arte,
que te enzonze de amor.

(Expremendo os amores perfeitos nos olhos de Lyſandro)

Eu com eſte feitiço
que nos olhos te expremo aqui te encarcho e enguiço,
para que nunca mais, deſde que os deſcerrares,
os tornes a pregar, bebendo doido os ares
por quem de ti ſe ria. Aſſim que eu fôr partido,
tu acorda. Oberon ficou á minha eſpéra;
vou-me; tenho cumprido o encargo que me déra.

(Sai.)

SCENA XII

TITANIA, HERMIA, e LYSANDRO ainda a dormir, HELENA e DEMETRIO que entram

HELENA

Detem-te, e mata-me embora,
caro Demetrio.

DEMETRIO

Alto ahi.
Não te me chegues; agora
intimo-t'o.

HELENA

Has-de-me aqui
deixar n'efta efcuridade?
Oh! não.

DEMETRIO

Torno-t'o a dizer:
pára.... ou te has-de arrepender
de tanta importunidade.
Quero-me ir fófinho.

(Sai arrebatadamente.)

SCENA XIII

Os PRECEDENTES menos DEMETRIO

HELENA

Eftou
que não poffo já comigo,
de perfeguir o inimigo,
que o coração me roubou.

Quanto o imploro mais piedoſa,
mais lhe encontro o genio crú.
Hermia, quão feliz és tu!
quão feliz em ſer formoſa!
em haver nos olhos teus
eſſe brilho e luz celeſte!
mas como é que tu lhes déſte
o eſplendor que falta aos meus?
não co'as lagrimas ſalgadas,
pois d'eſſes liquidos ſaes
chovem meus olhos bem mais
que os teus por faces roſadas.
É que ſou feia, já ſei,
como um urſo, um monſtro horrendo;
tanto, que as féras correndo
já fogem d'onde eu cheguei.
Sendo aſſim, porque me eſpanto
de que Demetrio tambem,
como as féras que me vêm,
me fuja e me odeie tanto?
Mal haja o eſpelho impoſtor
que diſſe á vaidade minha
que Hermia em ſeus olhos não tinha
mais que eu nos meus eſplendor.
Que vejo! um homem deitado?
aqui? Lyſandro? Deus meu!
morreria? adormeceu?
não n'o vejo enſanguentado,
nem ferido. Olá! olá!
Lyſandro, ſe és vivo, eſperta.

LYSANDRO *(acordando)*

Bradando tal voz álerta,
um morto reſſurgirá.
Eu por ti audaz voaria
'té de um incendio atravez.
Oh! que diaphana que és,
minha Helena! que alegria!
e que prodigio ſem par!
Em teu peito tranſparente
eſtou vendo claramente
o coração palpitar.
Onde eſtá Demetrio, o infame?
ſe o colho ás mãos, voto a Deus
que o meu ferro aos dias ſeus
córte de um talho o liame.

HELENA

Lyſandro, não digas tal!
não digas tal! mais cordura!
Se elle tem a deſventura
de amar a Hermia, que val
ſendo ſó tua Hermia bella?
o ſeu amor te prediz
o quanto vais ſer feliz
com ella.

LYSANDRO

Eu feliz com ella!
oh! nunca; nunca jámais.
Agora me eftá pefando
das horas que andei gaftando
em femfaborias taes.
Quem eu amo, e obter efpero,
não é Hermia, é Helena fó.
Por um corvo, um noitibó,
trocar-te, ó pomba, não quero.
Em tudo fe deve eftar
pelo que a razão ordena;
e a razão diz: como Helena
não fe póde outra encontrar.
Depois da flor vem o fruto;
era mancebo, flori;
hoje que amadureci
cumpro as leis que ao fizo efcuto.
A prudencia é quem me traz
co'a liberdade captiva
aos olhos de quem deriva
de hoje ávante a minha paz;
olhos onde efcripto leio
em lettras de almo efplendor
dos mil romances de amor
o melhor que ao mundo veio.

HELENA

Para zombaria igual
nunca me eu ſuppuz naſcida.
Eſſa ironica inveſtida
a mim, Lyſandro, vem mal.
Não me baſtava a deſgraça
da paixão com que fiel
tenho amado e amo um cruel
que me avilta e me eſpedaça?
Não me ſobrava o rigor
de Demetrio? inda por cima
de eu não merecer-lhe eſtima,
zombas agora, ſenhor!
Já é fereza eſſe ultraje;
poupae-me á ironia atroz.
Ultima phraze entre nós:
adeus! Em nobre linhage,
confeſſo, nunca penſei
coubeſſe tal villania.
Meu Deus! um me repudia,
outro me inſulta! onde irei?

(Sai ſem ter reparado em Hermia.)

SCENA XIV

Os MESMOS, menos HELENA

LYSANDRO

Não viu Hermia; Hermia dormida
jaz além.

(Para Hermia, de longe)

Nunca, mulher,
onde Lyſandro eſtiver
ſejas tu apparecida.
Nem já ver-te poſſo. Eſtou
como quem tragou ſobejo
de manjar bem doce, e entejo
para ſempre lhe tomou.
Em erro que ſe abr'nuncía
já nunca mais ſe recai.
Vai-te, meu faſtio, vai;
ſume-te, prava hereſia;
ninguem, muito menos eu,
ſem horror poſſa encarar-te;
dil-o-hei ſempre e em toda a parte;
ſou teu, Helena, e ſó teu.

(Sai.)

SCENA XV

Os MESMOS, menos LYSANDRO

HERMIA *(levantando-ſe eſtremunhada)*

Lyſandro, acode-me! eſpanca
do meu ſeio, que m'o róe,
eſta ſerpe! arranca! arranca
o monſtro! ſalva-me! dóe!

(Tornada em ſi)

Que horroroſo peſadello!
inda eſtou toda a tremer.
Tinha no ſeio a roer
um dragão; cuido inda vel-o.
E tu quedo, ali ſentado,
vias tudo aquillo a rir!
Mas que é d'elle, o meu amado!
meu Lyſandro! ſem me ouvir!
ſem reſponder-me! Onde és ído?
onde eſtás tu, meu ſenhor,
meu Lyſandro? nem ſoído
de voz reſponde; que horror!
Não ouves os meus clamores?
não me deixes aqui ſó!
ai! por todos os amores
te imploro! de mim tem dó!

Tenho medo. Já me ſinto
a luz dos olhos faltar;
Lyſandro n'eſte recinto
não é; pois em que logar
poderei achal-o? ai! ſorte!
ſorte funeſta! já já,
ou vel-o onde quer que eſtá,
ou ſe o perco, achar a morte.

(Sai.)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III

A mefma vifta ultima do precedente acto.

SCENA I

TITANIA ainda a dormir no mefmo logar, MARMELO, MESTRE RABOTE, MESTRE CANELLAS, GAITINHAS, TROMBAS, e ESFOMEADO.

CANELLAS

Eftamos todos?

MARMELO

Cáfpité! bom fitio
para a gente enfaiar! verde o tablado,
pilriteiros em flôr os baftidores.
Toca a enfaiar o auto, exactamente
qual fe ha-de dar perante o Senhor Duque.

CANELLAS

Pedro Marmelo......

MARMELO

Que lhe quer o grulha
meſtre Canellas?

CANELLAS

Na comedia ha coiſas,
que nunca hão-de agradar; primeiramente,
Pyramo ha-de puxar da durindana
para a cravar no peito. O madamiſmo
ſoffre lá iſſo? vá, reſponda.

TROMBAS

Medo
não lhes ha-de faltar.

ESFOMEADO

Eu cá requeiro
que não ſe acabe a peça em matadoiro.

CANELLAS

Iſſo é que não; e occorre-me um remedio:
meſtre Marmelo que me arranje um prologo
em que dê a intender que eſtas eſpadas
não ſão das de ferir, nem ſe imagine
que o Pyramo realmente ſe traſpaſſa;
e para as ſocegar de todo em todo,
diga até que eu, o Pyramo, realmente
não ſou Pyramo tal; ſou o conhecido
Nicolau, por alcunha *o das canellas,*
de officio tecelão. Foram-ſe os medos.

MARMELO

Bom; metter-ſe-ha n'um prologo eſſa coiſa;
prologo que ha-de ter quatorze verſos
poſtejados á laia dos ſonetos.

CANELLAS

Quatorze é pouco; dezaſſeis.

TROMBAS

E os berros
do leão não põem medo ao mulherio?

ESFOMEADO

Eu aſſento que ſim.

CANELLAS

Penſem bem n'iſſo,
meus ſenhores; leões diante de damas!
Deus nos acuda! Ha ave de rapina
como o leão? portanto é bom cautella.

TROMBAS

Pois faça-ſe outro prologo que diga
não ſer leão.

CANELLAS

E póde bellamente
o actor dizer quem é, ter meſmo a juba
de modo que não tape a cara toda,
e dizer iſto, ou coiſa ſemelhante:
«Senhoras!» ou «Belliſſimas ſenhoras!
«peço-vos...» ou «requeiro-vos...» ou «rogo-vos...
«que vos não aterreis nem tenhais medo;
«que me eſquartejem ſe eu matar nem uma.
«Tolo era eu, ſe foſſe leão de véras,
«de vir metter-me cá, para cahir-me
«todo o gentio em cima e eſcangalhar-me.

«Qual leão! ſou um homem como os outros.»
E então é que declara a ſua graça,
e diz: «meſtre Rabote o marceneiro.»

MARMELO

Seja aſſim; mas dois pontos ha na hiſtoria
peores de arranjar. Logo o primeiro
é metter-ſe o luar dentro na caſa,
porque o Pyramo e a Thisbe (e dil-o a peça)
encontram-ſe ao luar.

RABOTE

O que eu pergunto
é ſe a noite em que a gente repreſenta
é de luar ou não.

CANELLAS

Que é da folhinha?
ha por ahi quem tenha uma folhinha?
procurar n'ella onde é que diz luares.

MARMELO

Ha, ha lua eſſa noite.

CANELLAS

Havendo lua,
deixa-ſe um tanto aberta uma janella,
e ahi temos nós luar.

MARMELO

Perfeitamente;
e ha tambem outro modo: entra um ſugeito
com ſeu feixe de ſilvas ſobraçado,
e lanterna na mão, o qual declara
que vem alli desfigurar a lua.
O peor, o que a mim me faz cabeça,
é como ſe ha-de armar dentro na ſala
o muro; pois, ſegundo a hiſtoria reza,
pela racha do muro é que fallavam
Pyramo e Thisbe.

RABOTE

Carregar co'um muro
para uma ſala, não ſe póde. Oiçamos
meſtre Canellas.

CANELLAS

O papel do muro
quem quer o repreſenta. Em ſe caiando,

geſſando, ou embarreando uma peſſoa,
já finge muro; abrindo os dedos...

(moſtra-o em acção)

iſto...
muro rachado; e podem já contentes
dar o Pyramo e a Thisbe á taramélla.

MARMELO

Se iſſo é poſſivel, temos tudo em ordem.
Toca a enſaiar; aſſentem-ſe-me ahi todos
por eſſa relva.

(Aſſentam-ſe todos em ſemi-circulo)

Cada um que repita
o ſeu papel ſó quando fôr chamado.
Pyramo principia; e mal conclua
o ſeu dito, abalar para o ſilvedo;
aſſim depois os mais ſegundo a ordem.

SCENA II

Os PRECEDENTES e o TRASGO no fundo do theatro

TRASGO

Que bruta malta agora é eſta
que vem aqui para a floreſta
alanzoar,

quando no berço inda a Rainha
deseja estar descançadinha,
nem lá vem dia inda a rasgar?
Tate! é comedia que se ensaia!
pois quero ser espectador;
e se achar leo, talvez me saia
. tambem actor.

MARMELO

Falla, Pyramo. A Thisbe para a frente.

CANELLAS *(Pyramo)*

Ah! Thisbe! como as flores horrorosas
tem bom cheiro!

MARMELO

«Horrorosas?» olorosas.

CANELLAS *(Pyramo)*

As flôres olorosas tem bom cheiro;
pois assim é teu bafo, amada Thisbe.
Espera, oiço uma voz; tu não te auzentes;
vou ver... já torno.

(Sai.)

SCENA III

Os PRECEDENTES menos CANELLAS

TRASGO

Pyramo tão lôrpa
nunca o vi.

(Sai atraz de Canellas)

SCENA IV

Os PRECEDENTES menos o TRASGO

GAITINHAS *(Thisbe)*

Eu agora é que refpondo,
não?

MARMELO

Pois então! repara bem no entrecho:
o Pyramo fahiu fó por motivo
de ir ver d'onde provinha aquella bulha,
e não póde tardar.

GAITINHAS *(Thisbe)*

Ai! radiofiffimo
Pyramo! lyrio candido d'efta alma!
faces de rofa agrefte! apetitofo
como nenhum dos noffos franganotes!
amavel judeufinho, e tão de raça
como o melhor corcel que é fempre preftes
e não arreia nunca! irei, meu Pyramo,
ter comtigo no tumulo de *Nico.*

MARMELO

No tumulo de Nino, homem. Tens feito
uma falfada! O tumulo de Nino
não é por ora; é lá para a refpofta
que deves dar ao Pyramo; não leves
o papel todo a fio; efpera as deixas.

(Procurando Pyramo com os olhos)

Pyramo, agora tu; começa a falla
logo depois do «não arreia nunca».

SCENA V

Os PRECEDENTES e o TRASGO que torna feguido
de CANELLAS, que vem com cabeça de jumento

GAITINHAS *(Thisbe)*

Como o melhor corcel que é fempre preftes
e não arreia nunca.

CANELLAS *(Pyramo)*

Ah! Thisbe amante!
bello queria eu fer fó pela gloria
de te amar fempre a ti.

MARMELO *(reparando na cabeça de Canellas)*

Céos! que eftupenda,
que monftruofa coifa! andam feitiços
co'a gente aqui, por vida minha. Amigos,
fafar já d'efte bofque endiabrado!
fujâmos! quem nos val? ai! quem me acode?

*(Sáem todos os actores do auto, correndo efpavoridos,
menos Canellas.)*

SCENA VI

TITANIA ainda a dormir, o TRASGO, e CANELLAS

TRASGO *(a rir olhando para o lado por onde os comediantes ſe abalaram)*

Olá! como fogem! lá vão! que eſtorninhos!
Pois vou baralhal-os por taes deſcaminhos,
por taes labyrintos, por taes redemoinhos
de mattos, de charcos, ſilvedos, e eſpinhos,
que fiquem doidinhos.
Ver-me-hão, já cavallo ſaltar-lhes d'aqui,
já cão d'outra parte, d'além javali;
já fogo, já urſo, que eſtou por ali
buſcando a cachola que ha pouco perdi;
relinchos, latidos, grunhidos, rugidos,
zunidos de lume no ar confundidos,
verão como azoinam aquelles ouvidos,
e trocam ſeus donos em loucos varridos!

(Sai.)

SCENA VII

Os PRECEDENTES menos o TRASGO

CANELLAS

Então que é iſto? os noſſos comediantes
moſcam-me? não intendo a brincadeira;
quererão ver ſe me põem medo?

SCENA VIII

Os PRECEDENTES e TROMBAS

TROMBAS

Ó homem,
nunca te vi aſſim. Pobre Canellas!
que tranſtorno! iſſo que é?

CANELLAS

Fórtes eſpantos!
jumentice até alli!

(Sai o Trombas.)

SCENA IX

Os PRECEDENTES menos o TROMBAS, e MARMELO
que chega

MARMELO

Ai! Deus te acuda!
valha-te Deus, Canellas! d'efta feita
é que eftás transformado!

(Sai.)

SCENA X

Os PRECEDENTES menos MARMELO

CANELLAS

Agora intendo
a caçoadinha: querem perfuadir-me
de que eftou burro, a ver fe me põem medo;
matem-fe bem; não fujo; não. Pafſeemos
por aqui a cantar para que vejam
que eftou na mefma, e não engulo araras.

(Cantando)

O melro côr de azeviche
co'o ſeu bico alaranjado;
a carriça rabi-curta,
o tordo tão afinado!...

TITANIA *(levantando-ſe)*

Que ouvi! que voz angelica
me acorda para amores,
que ſaio toda jubilos
do meu colchão de flores?

CANELLAS *(continuando a cantar)*

o pardal e a cotovia
não menos que o tentilhão,
o pardo cuco que cuca
ſeu teimoſo cantochão!

(Fallando)

Porque em boa verdade: quem tem ſizo
póde altercar com paſſaro tão doido?
pôr-ſe a contradizel-o quando o bruto
teima a berrar cucu, cucu, cucu?

TITANIA

Mais! mais! que voz! que muzica!
ſegue o teu lindo canto,
gentil mortal; encanto
maior nunca eu ſenti.
Não ſó me enleva o cantico
tão cheio de doçura;
tambem a formoſura
que reſplandece em ti.
Em ſumma: ha nos teus meritos
um tal condão, tão raro,
que eu propria te declaro
que ardo por ti de amor.
Aſſim, ſem mais preambulos,
e apenas que te vejo,
venço o nativo pejo,
meu bello ſeductor.

CANELLAS

Pois ſenhora, declaro-lhe ſincero
que não lhe acho razão; verdade ſeja
que razão e affeição mal ſe emparceiram
hoje em dia; e faz pena que não haja
na viſinhança alguem que as harmoniſe.
Tive graça; não tive? um remoquinho
em vindo a pêllo chia-me no papo.

TITANIA

Sobre lindo, difcreto.

CANELLAS

Eu nem difcreto
nem lindo fou. O que eu tomára agora
era atinar como faír da matta;
não carecia de melhor juizo.

TITANIA

Saires tu da matta! efcufas de penfal-o;
quer te agrade quer não, eis teu perpetuo abrigo;
mal fabes quem eu fou, que amante affim te fallo;
pódes-te gloriar de ver-me a fós comtigo.
Efpírita fou eu tão alta em jerarchia,
que as ethereas regiões me são avaffaladas;
e amo-te; e quero ter-te em minha companhia,
e pôr ao teu ferviço as mais formofas fadas.
Ellas te hão-de ir pefcar na profundez dos mares
joias das mais louçãs a fim de engalanar-te;
quando queiras dormir, virão co'os feus cantares
no teu catre florido em côro acalentar-te.
Emfim, por meu condão liberto da materia
vil, caduca, e pefada, onus da humanidade,
poder-te-has elevar, effencia pura e etherea,
e livre percorrer comnofco a immenfidade.

7

Aqui já, Flôr-da-ervilha; aqui, Teia-de-aranha;
aqui, Phalena; aqui, Semente-de-moſtarda.

(Entram quatro Sylphides)

1.ª SYLPHIDE

Prompta.

2.ª SYLPHIDE

Prompta.

3.ª SYLPHIDE

Cá eſtou.

4.ª SYLPHIDE

Que manda?

TITANIA

Á voſſa guarda
confio eſte fidalgo, eſta lindeza eſtranha;
obſequiae-m'o em tudo; ao paſſear diverti-m'o
tripudiando-lhe á roda; em lhe apontando a fome
logo ali um banquete em que á vontade tome,
até mais não poder, o que ha de maior mimo:
damaſcos, figos, uva, amoras, e groſelhas,
e ſaquinhos de mel furtados ás abelhas.

D'eftas cumpre tambem ferem por vós cortadas
as pernas mais á farta em cera befuntadas;
poder-vos-hão fervir á guifa de candeias
quando fizer efcuro; andade-me, accendei-as
á luz do pyrilampo, e allumiae meus amores,
affim ao recolher como ao furgir das flores.
Mas emquanto dormir, para evitar que os olhos
a lua lhe molefte, engenhae-lhe uns antolhos
de azas de maripofa as mais bem matizadas.
Sylphides minhas, vá, vá, minhas boas fadas,
proftrae-vos a feus pés com toda a reverencia,
e não menos que a mim jurae-lhe obediencia.

1.ª SYLPHIDE

Feliz vivente, falve!

2.ª SYLPHIDE

Salve, feliz vivente!

3.ª SYLPHIDE

Perpetuamente falve!

4.ª SYLPHIDE

Salve perpetuamente!

CANELLAS *(cortejando refpeitofamente)*

Á protecção de Voffas Eminencias
humilde me encommendo.

(Para a 1.ª Sylphide)

A fua graça
fe faz favor, minha gentil Princeza?

1.ª SYLPHIDE

Teia-de-Aranha.

CANELLAS

Pois fenhora Dona
Teia-de-Aranha, quando me aconteça
lanhar dedo, já fei quem me foccorre.

(Para a 2.ª Sylphide)

E efta fidalga?

2.ª SYLPHIDE

Flor-da-ervilha.

CANELLAS

Queira
recommendar-me a ſua mãe, a illuſtre
Dona Vage, e a ſeu pai Dom Grão-de-bico.
Peço tambem á Dona Flor-da-ervilha
que me eſcreva no rol dos ſeus dilectos.

(Para a 3.ª Sylphide)

E cá eſta ſenhora? por obſequio
o ſeu nome.

3.ª SYLPHIDE

Semente-de-moſtarda.

CANELLAS

Pois ſenhora Semente-de-moſtarda,
conheço-a muito bem; tem já curtido
com animo e valor grandes trabalhos.
O agigantado pérfido rosbife
tem-lhe tragado immenſa parentella.
Que vezes me não fez ſua familia
vir a lagrima ao olho! Pois ſenhora
Semente-de-moſtarda, o que lhe digo
é que de a ver realmente me regalo.

TITANIA

Vai-te ora ſer ſeu ſequito,
ſequito meu fiel;
e alberga-m'o bem commodo
no meu caramanchel.
Engano-me? olhos humidos
fitando a lua eſtá;
quando ella verte lagrimas,
que flor não chorará?
choram até as minimas,
choram porque é ſignal
de eſtar nos tranſes ultimos
florinha virginal.
Emmudecei eſſe idolo
do meu amor fiel,
e ide encerrar-m'o tacito
no meu caramanchel.

QUADRO V

Outra parte do bofque.

SCENA XI

OBERON, fó

Tomára já faber fe a Titania efpertou,
e quem foi o mortal que primeiro aviftou,
e por quem deve andar co'o juizo variado.

(Repara no Trafgo, que vem entrando)

Chega o meu galopim.

SCENA XII

O MESMO e o TRASGO

OBERON

Sê bemvindo, eftouvado!
é pôr já para aqui as diverfas diabruras
com que has-de ter gaftado eftas horas efcuras
no arvoredo encantado.

TRASGO

A Rainha minh'ama
anda fóra de ſi por um monſtro a quem ama.
Segundo o ſeu coſtume, acoſtou-ſe e dormia
na recamara verde. Uma atroz companhia
de actores de má morte, officiaes meſteireiros
de Athenas, tecelões, caldeireiros, folleiros,
et cœt'ra, reſolveu dar um auto na feſta
do conſorcio do Duque, e eſcolheu a floreſta,
e logo o ſitio ao pé d'onde dorme a Rainha,
para vir enſaiar-ſe. O mais lorpa que vinha
na manada boçal era o Pyramo; a peça
lá ia em andamento; eis que ſai todo á preſſa,
deixando os mais em ſcena, o meu Pyramo, e voa
a agachar-ſe no matto. Eu, venida tão boa
para um logro, perdel-a! iſſo não; de repente,
ſem elle perceber, de cabeça de gente
fiz-lhe cabeça d'aſno; eil-o então, por forçado
a replicar á Thisbe, outra vez no tablado,
galã de eſpecie nova, orelhudo e felpudo.
Revolução geral! que terror! foge tudo.
Não lembravam ſenão marrequinhos em bando
a folgar n'um paúl, quando vêem raſtejando
vir lá o caçador; ou as gralhas, que ao truz
com que os echos acorda inſperado arcabuz
debandam a voſear; tal e tão repentina
deſpejou o theatro a avejão aſinina.

Que rifota era ver os farçantes fugindo,
mal que eu lhes bato o pé, uns fobre outros caindo,
a gritar: «quem me acode! oh d'Athenas! foccorro!»
De todo co'o pavor o beftunto mazorro
lhes defluz; cuidam ver nos objectos fem vida
malfeitores que os vem embargar na fugida.
Efte deixa a uma filva uma aba em defpojo;
fica a outro o chapéo fobre as puas de um tojo;
delirantes de horror difperfaram-fe em fumma.
D'entre as figuras do auto uma apenas, fó uma,
ficou em fcena; e qual? o meu Pyramo afneiro;
o acafo é que então foi (não fui eu) zombeteiro.
Eis que a Rainha acorda; e no mefmo momento
avifta-o, pafma, e fica adorando um jumento.

OBERON

Vai tudo até melhor do que eu mefmo ideára;
mas dize: o athenienfe em quem eu te ordenára
que infiltraffes o amor, encontraftel-o?

TRASGO *(com fignal affirmativo)*

E entregue
a bom dormir. El-Rei quanto a iffo focegue;
tudo fe fez a ponto: a moçoila dormia
ao pé d'elle; e portanto, impoffivel feria
elle não a aviftar quando os olhos abriffe;
já vê fe executei tudo quanto me diffe.

SCENA XIII

Os MESMOS, DEMETRIO e HERMIA

OBERON

Não te apartes, lá vem o athenienſe.

TRASGO

Á-la-fé
que o homem não foi eſte; ella ſim é que o é.

DEMETRIO

Porque ſão eſſes rigores
para commigo? commigo
que ſó vos conſagro amores!
tratais-me como inimigo!

HERMIA

Condemno-te, ſim, condemno;
que menos poſſo eu fazer
a quem me faz padecer
as cruas ancias que peno,
ſe é certo, como receio,
que ao meu Lyſandro querido,
quando o viſte adormecido
ouſaſte raſgar o ſeio?

Foi pouco o ſangue eſpalhado;
ſó te chega ao tornozelo;
mais! mais! preciſas vertel-o
'té ficares afogado.
O ſol não é mais do dia,
do que Lyſandro foi meu,
do que a mim ſó pertencia
Lyſandro emquanto viveu.
Elle em meu ſomno profundo
fugir-me! eſcuſas cançar-te;
era mais facil o mundo
raſgar-ſe de parte a parte,
paſſar-lhe por dentro a lua,
aos antipodas chegar,
e encobrir co'a eſphera ſua
no zenith o orbe ſolar.
Mataſte-m'o tu, malvado!
n'eſſa mortal pallidez
não o vejo eu?

DEMETRIO

Mas não vês
que é pallor de aſſaſſinado?
ſim; teu rigor me aſſaſſina.
Mas tu, que a morte me dás,
co'o meſmo brilho inda eſtás,
como a eſtrella veſpertina
que além ſe vê fulgurante.

HERMIA

Sim; mas tudo iſſo a que vem,
quando eu te peço o meu bem,
meu Lyſandro, o meu amante?
Ah! Demetrio! que deſgraça!
tu não tens alma de féra;
reſtitue-m'o.

DEMETRIO

Antes quizera
lançar aos meus cães de caça
o arcaboiço d'elle.

HERMIA

Cão!
monſtro! ſume-te! impoſſivel
me é ver quem julga inſenſivel
um virgineo coração.
Mataſte-m'o, ſim, já vejo;
nunca mais homem te chames;
vá; ſer franco; vá; deſejo,
(ſe é bem verdade que me ames,
'té por eſſe amor te cito)
deſejo, quero ſaber,
ſe ouſarias ſem tremer
em Lyſandro encarar fito

ſe o encontraſſes deſperto,
tu que o mataſte a dormir.
Grande proeſa por certo!
aſſim, podia-o ferir
qualquer vibora aſqueroſa,
o mais covarde reptil.
Vibora, vibora vil,
lingua infame e peçonhoſa!

DEMETRIO

Um méro engano te enfúria;
nem o matei, nem morreu,
que eu ſaiba. Fazes-me injuria...

HERMIA

Repete, rogo-t'o eu:
vive? ſão e ſalvo?

DEMETRIO

E a mim
jurar-t'o que bem me traz?

HERMIA

Que nunca mais me verás.
Tenho-te odio, odio ſem fim;
deteſto-te. Morto ou não

que eſteja, a ultima vez
que te eſcuto, que me vês,
é eſta; fica-te.

(Sai.)

SCENA XIV

Os MESMOS menos HERMIA

DEMETRIO *(depois de ter eſtado por algum tempo a olhar para a parte por onde Hermia deſappareceu correndo)*

Em vão
apoz ella correria
emquanto a raiva lhe dura;
vamos ver ſe eſta eſpeſſura
o ſomno me concilia.
Somno atrazado acreſcenta
dores á amoroſa chaga.
Se um breve á-conta me paga,
bem haja elle! vá! tenta,
eſpirito meu cançado!
vá, repoiſa alguns momentos!

(Deita-ſe na relva)

Boſques triſtes, ſomnolentos,
dáe allivio a um deſgraçado.

(Fecha os olhos e ageita-ſe para dormir.)

OBERON *(ao Trasgo)*

Vês, doido, o que fizeste? expremeste o veneno
n'um amante fiel; um amor tão sereno
por culpa tua agora ennoitou-se, em logar
da justa punição que eu tentava irrogar
a um féro desamor.

TRASGO

Obras são do destino,
que n'isto de paixões anda sempre sem tino;
por um homem leal, cria centos e centos
de falsos cuja vida é tecer juramentos
com perjurios a eito.

OBERON

Ora pois, vai, Robino,
corre o bosque já já, qual veloz torvelino,
'té que dês com Helena, atheniense, doente
do coração; na côr lh'o verás claramente:
é pallida, suspira, até já do seu peito
com tanto suspirar traz o viço desfeito.
Faze pela trazer, com algum teu engano,
logo logo ante mim, que eu no seu deshumano
cá tomo á minha conta influir o feitiço.

TRASGO

Cá vou, cá vou, meu Rei, que no voſſo ſerviço
ſou xára; não me ganha um farpão deſpedido
do arco tartareo.

(Sai.)

SCENA XV

Os MESMOS menos o TRASGO

OBERON *(expremendo o amor perfeito nos olhos de Demetrio)*

Flor, que do archeiro Cupido
foſte victima, imbebe a virtude que eſtillas
d'eſte homem que ora jaz nas ingratas pupillas.
Quando elle procurar ſua amante, ache n'ella
não menos eſplendor que o de Venus, d'aquella
que lá dos céos nos mira.

(Inclinando-ſe a Demetrio adormecido)

Encontrando-a, ao ſaires
do preſente lethargo, a ſeus pés ſó aſpires
a que ella te deſpene.

SCENA XVI

Os MESMOS e o TRASGO

TRASGO

Alto rei do alto bando
dos genios, eis Robim; já cumpriu voſſo mando.
Helena acha-ſe ali a dois paſſos; o tal
que por engano meu recebeu a fatal
influição d'amor, lá lhe eſtá requerendo
a devida mercê. Rei, ſaber ſó pretendo
ſe havemos de aſſiſtir ao final do entremez.
Que doida raça humana!

OBERON

É preciſo, bem vês,
dar-ſe-lhes campo livre; has-de ouvir, mas de parte,
o que vai.

TRASGO

Serão dois, dois portanto a ralar-te
com as ſuas petições. Pobre moça! Eu farçada
melhor inda a não vi! Quanto, quanto me agrada
poder preſenciar taes comedias!

OBERON

Lá vem;
não te bulas; ſilencio! eſcutál-os convém.

SCENA XVII

OBERON e o TRASGO invifiveis, DEMETRIO adormecido, LYSANDRO, HELENA

LYSANDRO

Cortejo-a por zombaria?
póde fuppôr que a não amo?
pois o chôro que eu derramo
não a convence? podia
amor que foffe fingido
chorar affim?!

HELENA

Què infiftencia
na perfidia! e que impudencia
d'um coração fementido!
As juras que eftais baldando
com quem não n'as póde ouvir,
ide-as antes repetir
a Hermia que eftá penando.
Quereis trahil-a! deixal-a?!
quem jura a duas ternura
quando é que verdade falla?
a ambas mente e perjura.

LYSANDRO

Quando eu lhe jurava amor
eſtava fóra de mim...

HELENA

Como agora, quando aſſim
a immolais tão ſem pudor.

LYSANDRO

Demetrio morre por ella,
e não vos ama...

DEMETRIO *(acordando)*

Ai, que linda
que tu és, Helena! ainda
ſe não viu deuſa tão bella.
A que poſſo eu comparar
tua divina mirada?
O cryſtal é turvo, é nada!
E a boquinha de tentar!
labios, cerejas maduras,
para os beijos d'um amante!
carnes de neve brilhante
como a que veſte as alturas

do Tauro, acariciado
do vento oriental... que digo!
neve afrontada comtigo
tinha o negror carregado
da aza do corvo. Ai! que mão!
quando a levantas, que almejos
de t'a comer com mil beijos,
rainha da branquidão,
chave das glorias celeſtes!

HELENA

Que raiva! que inferno! oh fados!
Entendo: eſtais apoſtados
todos contra mim! fizeſtes
voto de me eſcarnecer!
Se houvera em vós cortezia,
ou ſombra d'ella, eu podia
taes improperios ſoffrer?
Não baſta que me odieis
como ſei que me odiais?
unir-vos de mais a mais
para inſultar-me! ouzareis
dar-vos por homens, não tendo
de humanos mais que a figura!
e tratar de um modo horrendo
a uma dama illuſtre e pura!
Hyperbolicos louvores,
juras, proteſtos, e cultos!
quando vós me odiais, traidores,
não ſão barbaros inſultos?

Ambos vós emulos ſois
no amar a Hermia; eſtá bem;
mas porque emulos tambem
no aviltar-me ambos os dois?
Grande façanha, alto feito,
condemnar ao pranto a vida
d'uma pobre deſvalida,
que mal nenhum vos ha feito!
É renegar da nobreza,
injuriar aſſim donzellas,
e achar no ſupplicio d'ellas
paſſatempo!

LYSANDRO *(a Demetrio)*

Que fereza,
Demetrio! tal não façais.
É brinco mais que feroz;
pois ſei tão bem como vós
que vós a Hermia adorais.
E adorae-a em ſanta paz,
que eu não vos conteſto o pleito;
cedo-vos todo o direito
ao ſeu amor. Quem vos faz
tão franca e formal cedencia,
bem vos merece outra egual;
promettei-me deſiſtencia
não menos franca e formal

do amor de Helena, d'aquella
cujo ſou, cujo hei-de ſer,
emquanto a que tudo gela
em pó me não reſolver.

HELENA

De ſobra tendes zombado.

DEMETRIO

Ficae-vos, Lyſandro, embora,
co'a voſſa Hermia; eu agora
já perdi d'ella o cuidado,
de todo em todo. Findou-ſe
um leve feſtim de amor;
o coração retirou-ſe,
de ſi outra vez ſenhor,
e veio a Helena entregar-ſe
para ſempre.

LYSANDRO

É falſo, Helena!

DEMETRIO

Uma conſciencia ſerena
não deve calumniar-ſe.

Olha por ti, ſe não queres
vir a pagal-o e bem caro.
Mas inda agora reparo...
lá chega quem tu preféres.

SCENA XVIII

Os MESMOS e HERMIA

HERMIA

Que monta que a noite eſcura
nos tolha aos olhos o ver?
o ouvir que então mais ſe apura
tambem nos ſabe reger.
Sim, Lyſandro, pelo ouvido
é que eu nas trevas te achei;
ſenti-te fallar, voei,
e encontro-te, meu querido!
És um mau! ter-me deixado
d'aquelle modo!

LYSANDRO

Podéra!
ſe fui pelo amor chamado!
podia deixal-o á eſpera?

HERMIA

O amor!... que amor te devia
do meu lado feparar?

LYSANDRO

O meu, efte amor fem par,
e que nem quer parceria.
Helena é quem enche efta alma;
os aftros de noite amena,
olhos do Empyreo, aos de Helena,
cedem fem contenda a palma.
Tu de mim, tu que pretendes?
deixei-te, porque em verdade,
fe ainda o não comprehendes,
fó ella é que tem beldade.
Quero a Helena, a Hermia odeio.

HERMIA

Gracejas; não é poffivel!

HELENA

Mais outra no trama horrivel!
'té Hermia infultar-me veio!

agora caio na conta:
mancommunaram-ſe os tres
para eſte infame entremez,
ordenado em minha affronta.
Hermia inſultante! Hermia ingrata!
Como aſſociar-te podéſte
a quem ſem cauſa me inveſte,
e ſem culpa me maltrata?
já te não lembra a ternura
que outr'ora uma á outra unia,
quando voto ſe fazia
de ſermos irmãs? perjura!
eſqueceram-te eſſas horas
de tão feliz convivencia,
quando ſe achava inclemencia
não ter o tempo demoras,
e ſempre no apartamento
ſe chorava já ſaudade?
Nem raſto em teu penſamento
ficou da ditoſa edade,
quando andavamos no eſtudo?
quando os brinquedos pueris,
e a innocencia, tudo, tudo,
commum nos era? infeliz!
Que vezes, Hermia, encantadas,
ante o meſmo baſtidor,
no meſmo coxim ſentadas,
e bordando a meſma flor,

fadas irmãs, tudo ali
era commum entre nós!
gemeo o cantar, gemea a voz,
tu junta a mim, e eu a ti!
as noſſas mãos em contacto
a brotar flores a eſmo,
emquanto fazia o meſmo
das noſſas almas o tracto!
Aſſim creſcemos unidas,
como em auras bemfazejas
ſe admiram duas cerejas
medrar d'um ſó pé naſcidas;
dois corpos e um coração;
como nas armas de um nobre,
quando um ſó timbre recobre
dois eſcudos em juncção.
Tal mate á affeição antiga
podéſte dar de repente,
que te uniſſes a tal gente
contra a tua pobre amiga?
Ha companheira ou donzella
capaz de affrontar aſſim
a todo o ſeu ſexo em mim,
e em todo o meu ſexo a ella?

HERMIA

Que reprehenſões! que violencia!
mas venha o motivo occulto.
Eu co'a mão na conſciencia,
que fiz para tanto inſulto?

HELENA

Quem, ſenão tu, induziu
Lyſandro a que me ſeguiſſe,
e por mofa ſe ſingiſſe
prezo a graças que em mim viu?
quem, ſenão tu, reſolveu
Demetrio, o teu outro amante,
que inda ha tão pouco inſultante
me baniu do lado ſeu,
a vir-me chamar deidade,
nympha, divina, celeſte?
Não baſta que me deteſte?
mofa é mais que atrocidade.
Lyſandro tão amoroſo
foge-te! e a mim me perſegue!
tu, ſó tu, fazes que empregue
commigo eſte brinco odioſo!
É culpa minha eu não ter
para attrahir amadores,
graças, riquezas, primores,
de que o ceu te quiz encher?
e, por maior deſventura,
ame em vão ſem ſer amada?
razões para ſer chorada
ſerão crimes porventura?

HERMIA

Não intendo.

HELENA

Perſevera;
finge-te triſte, ſe goſtas;
e depois, mal que eu dê coſtas,
ri de mim, ri, ri, panthera!
Tu e os teus fazei-me eſgares;
a bella aſſuada redobre;
não ha façanha mais nobre!
terá chronica! A abrigares
lá dentro o minimo reſto
de piedade, honra, ou decencia,
brinco de tanta inclemencia
viras ſer mais que funeſto!
Adeus, a culpa foi minha;
a auſencia e talvez a morte,
me livrarão da má ſorte
que eu merecido não tinha.

LYSANDRO

Formoſa Helena, ſuſpende,
ſuſpende, Helena querida;
encanto meu, minha vida,
ás minhas razões attende.

HELENA

Bravissimo!

HERMIA *(a Lysandro)*

Basta já,
Lysandro meu, de ironias.

DEMETRIO

Se ella contra villanias
é sem defeza, aqui está
braço que a vingue.

LYSANDRO *(a Demetrio)*

O teu braço
e as suas lamentações,
são fraquissimas razões
de que eu nenhum caso faço.
Helena, por minha vida
te juro, és o meu enlevo;
e a quem m'o conteste, devo
calar-lhe a voz fementida.

DEMETRIO *(a Helena)*

Mais do que elle póde amar-te,
amo-te eu.

LYSANDRO *(a Demetrio)*

Se o cuidas, vamos
ver sós como deslindamos
essa questão n'outra parte.

DEMETRIO

E é já!

HERMIA *(suspendendo-se no braço de Lysandro)*

Lysandro, que fazes?

LYSANDRO

Larga-me, negra africana!

DEMETRIO *(a Hermia)*

Não tremas, são méras phrases;
com falsas roncas te engana.

(A Lysandro)

Fingí que saís comigo,
mas ficae; sei bem que a vós
não coube indole feroz.

LYSANDRO *(a Hermia que o está segurando)*

Valha-te a forca, inimigo!
largar-me-has, gata importuna?
vil creatura largar-me-has?
ou mando-te á má fortuna,
serpente que a enlear-me estás!

HERMIA

Quem vos trocou em selvagem?
meu dôce amor! que mudança!

LYSANDRO

Teu amor! eu! beberagem
nauseabunda! eu! que lembrança!
vae-te alimaria, ao diabo!

HERMIA

É gracejo, pois não é?

HELENA

Como o teu, por minha fé.

LYSANDRO

Demetrio (e com ifto acabo)
conta comigo.

DEMETRIO

Primeiro
affigna-me obrigação.
Ditos são futil prifão;
melhor fiança requeiro.

LYSANDRO

Queres que a efpanque? precifas
de que a fira, de que a mate?
não quero eu; bafta que a trate
co'a averfão que em mim divifas.

HERMIA *(a Lyfandro)*

E onde ha 'hi peor tormento
que o teu odio? odio! porquê?
Quem te viu e quem te vê,
iman do meu penfamento!

pobre de mim! não ſou inda
a Hermia que te encantei?
não és Lyſandro, o que amei?
linda fui, não ſou já linda?
N'uma ſó noite adorada,
e de ſubito fugida!
deuſes bons, tirae-me a vida,
ſe naſci tão mal fadada!
Mas, não é poſſivel!

LYSANDRO

Juro!
nem mais te deſejo ver.
Aſſim pódes já perder
eſperanças no futuro;
affirmo-t'o: a ti deteſto
tanto como adoro a Helena.

HERMIA *(a Lyſandro)*

Barbaro! o que eſta alma pena!

(Para Helena)

Feiticeira! ente funeſto!
ladra de amor, que vieſte
pela alta noite, á traição,
roubar-me alma e coração
do meu idolo celeſte!

HELENA

Magnifico em realidade!
Pasmo, como de repente
uma donzella decente
larga pejo e honestidade!
Enganada estás, se esperas
com tão estranha violencia
que eu te imite, na impudencia
dos ditos que vociferas!
Vae-te, mulher sem decóro!
farçante! vil! bonifrate!

HERMIA

Bonifrate! ah! não ignoro
a intenção d'esse disparate!
Comparaste as estaturas;
crês-te giganta, és vaidosa!
de ser mastareu te gosa,
se elle se enleva em alturas.
Ganhas-me essa primazia;
és Amiota em vez de Helena!
mas Hermia, bem que pequena,
tem unhas em que se fia:
póde os olhos arrancar-te!

HELENA

Senhores! vêde eſta furia!
não junteis injuria a injuria!
Salvae-me! Não tenho a arte
das invectivas brutaes.
Mulher ſou na covardia;
fui ſempre manſa. Impedi-a
de maltratar-me. Penſais
por vel-a de menos vulto
que eu lhe poſſo reſiſtir?!

HERMIA

Bem lh'o ouviſtes repetir:
ſou anã; teima no inſulto!

HELENA

Boa Hermia, reſſerena
odios que eu não mereci;
amo-te, nunca trahi
ſegredo teu; ſou Helena,
a tua leal amiga.
Só o exceſſo d'eſte amor
que ao meu Demetrio me obriga,
ſó elle, foi cauſador

da nova com que eu lhe vim
de eſtardes aqui fugidos.
Foſtes por elle ſeguidos,
e elle, ſeguido por mim.
Que paga me deu o ingrato
por tanto affecto?! increpou-me,
fui deſpedida, ameaçou-me
co'o mais indigno mau trato,
com piſar-me a pés, e até
co'a morte! Se não ordenas
o contrario, volvo a Athenas,
louca do amor que em mim é;
não torno a ſeguir-te! Vês
onde me chega a ſimpleza?
deixa-me ir.

HERMIA

Cuidas talvez
que eu t'o eſtórvo? com franqueza,
parte, ſe te praz; não ſei
quem t'o impede.

HELENA

Um coração
doido, que traz mim deixei.

HERMIA

Lyſandro?

HELENA

Demetrio.

LYSANDRO *(moſtrando Hermia)*

E então!
Não tremas, Helena minha,
que não te ha-de fazer mal.

DEMETRIO *(a Lyſandro)*

Ella ſim, nem penſa em tal;
e mais vendo o que a apadrinha.

HELENA

Quando ſai de ſi é má,
tem furias, (ſempre que o ouſa)
disfarça, porque é rapoza,
mas lá dentro a féra eſtá.
Na eſcóla já o moſtrava;
guardar d'ella ſe ſe irrita;
que, meſmo aſſim pequenita,
nada teme, é gata brava!

HERMIA

Ella ahi vem outra vez,
fiada em que impune o diz;
a injuriar-me, bem n'a ouvís,
á conta da pequenez.
Vou-lhe faltar!

LYSANDRO

Fóra, fóra,
anã, boleta inguiçada,
miſſanga, embrião, nónáda,
longe d'aqui na má hora!

DEMETRIO *(moſtrando Helena)*

Com quem não quer que a ſirvais,
já é finezas perder.
Deixae-a, não falleis mais
de Helena, ou de a defender,
pois voto a Deus, que ao primeiro
ſignal d'amor que lhe deis,
caro a audacia pagareis!

LYSANDRO

Até que por derradeiro
me deixou livre; ſegui-me
ſe o coração vol-o ordena;
vamos ver, campeão ſublime,
quem é mais digno de Helena.

DEMETRIO

Seguir-vos eu?! dais-me rizo,
quando cuidais pôr-me assombro;
vamos, mas hombro por hombro,
ambos a par.

LYSANDRO

D'improviso!

(Sáem Demetrio e Lysandro juntos.)

SCENA XIX

OBERON e o TRASGO invisiveis, HELENA e HERMIA

HERMIA

De tantos desaguizados
só vós sois a causadora;
não vos aparteis, senhora;
ficae!

HELENA

Basta já de enfados,

não me fio em vós; renego
tão maldita companhia;
em mãos haveis mór valia,
e eu nos pés, que á fuga entrego.

(Sai Helena.)

SCENA XX

Os MESMOS menos HELENA

HERMIA

Quando jámais ſe veria
cahos tão horrendo e cego!

(Sai correndo apoz Helena.)

SCENA XXI

OBERON e o TRASGO

OBERON

Ahi tens o que fizeſte! ou por eſtouvamento,
ou por maldade e adrede!

TRASGO

Em mim damnado intento!
Rei dos phantaſmas! nunca! Entendi mal; veſtido
athenienſe, conforme ao que eu vos tinha ouvido,

era o d'elle; portanto, o engano que ſe deu
nos olhos para ungir, cuido que não foi meu:
E que o foſſe! a balburdia ha pouco originada
do meu engano, deu, deu optima farçada!

OBERON

Sim. Mas os dois rivaes lá andam á procura
d'onde ſe hão-de matar. Vai, cerra a noite eſcura;
cobre o eſtrellado céo de nevoeiro denſo
como o negror do inferno; o illuſo par infenſo
aparta-o, que nenhum dê com o outro; ora imita
injurias de Lyſandro a Demetrio, ora grita
com falla de Demetrio a Lyſandro improperios;
troca em furias de rizo odios que ahi vão tão férios;
mas guarda-os ſempre longe, até que de moidos,
caiam; ſomno mortal os prive dos ſentidos,
e ſob os plumbeos pés, e as azas de morcego,
de tammanho rancor lhes faça igual ſocego.
Nos olhos de Lyſandro então expremerás
eſta herva, que illuſões, quaes fumos vãos desfaz,
e ás coiſas reſtitue o ſeu nativo ſer.
Como acordem, tudo iſto ha-de-lhes parecer
que não paſſou de ſonho; e os noſſos bons amantes
volverão á cidade, amigos como d'antes,
e para todo ſempre. Emquanto andares n'iſſo,
vou-me ver ſe a Rainha emfim me cede o enliço

do pagemzinho indiano; obtida essa victoria,
livro-a do seu delirio, apago-lhe a memoria
do seu monstro querido, e volve o mundo á paz.

TRASGO

Soberano senhor, presto! que é tarde e assaz!
os rapidos dragões da noite, já n'esta hora
rasgam o ar a galope; o precursor da aurora
já lá brilha; o tropel dos espectros malditos
foge, e torna aos covaes; que as almas dos precitos
sepultos, já no mar, já nas encrusilhadas,
restituiram-se ha muito ás bichosas moradas.
Temem que o dia encare em cheio o seu peccado;
eis porque á luz do céo fogem de proprio grado,
despusados sem fim co'a eterna escuridão.

OBERON

Pois sim; mas superior é nossa condição;
co'o dilúculo até, já eu cacei parceiro.
Tapadas para os mais, são francas ao coiteiro;
sou livre até que em fogo a porta do nascente
sobre o mar se escancara a rir toda esplendente,
e lhe troca o sal verde em lhama de oiro; agora
porém, cumpre o que ordeno, antes que rasgue a aurora.

(Sai Oberon.)

SCENA XXII

O TRASGO, ſó

Por montes, por valles, por altos, por baixos,
Robim, meu amigo, leva eſſes muchachos.
Deſertos e povos hão medo de mim;
lá vem já um d'elles; á-l'obra Robim!

SCENA XXIII

O TRASGO e LYSANDRO

LYSANDRO

Demetrio fanfarrão! ſumiſte-te? onde eſtás?
já não roncas?

O TRASGO *(imitando a falla de Demetrio)*

Aqui, aqui, meu villanaz,
de eſpada em punho; e tu?

LYSANDRO

Preſtes!

TRASGO

Segue-me! O chão
aqui é pedragoſo...

(Lyſandro ſai como que guiado pela voz.)

SCENA XXIV

O TRASGO e DEMETRIO

DEMETRIO

Ah! Lyſandro! ah! fujão!
ah! covarde! vá, falla! eſcondes-te? emmudeces?
ſumiſte-te no matto?

TRASGO

As eſtrellas pareces
que provocas, poltrão! blazonas ao ſilvedo
aſſomos de eſgrimir, e alapas-te de medo!
ſurde, vil! tit're, ſai! zurzir-te-hei ás varadas!
não ſe ha-de enxovalhar o ferro das eſpadas.

DEMETRIO

Ora ſus! vens, ou não?

TRASGO

Segue-me a voz, ſe és homem!

(Sai Demetrio e o Traſgo.)

SCENA XXV

LYSANDRO, ſó

Sim mas ſempre a fugir! Teme que ás mãos o tomem!
Furta-ſe, e deſafia. Acudo onde me chama,
e... viſtel-o; que pés! que vil! cedo-lhe em fama
de andarilho voador! E aqui eſtou eu mettido
n'uma azinhaga eſcuſa a tropeçar perdido.
Deſcancemos, ſequer; tomára já o dia.

(Deita-ſe no chão)

Ao ſeu primeiro albor, voto a Deus que a porfia
ha-de ſer menos van. Em eu vendo o inimigo,
de tammanha inſolencia inflijo-lhe o caſtigo.

(Adormece.)

SCENA XXVI

O TRASGO e DEMETRIO que voltam,
e LYSANDRO adormecido

TRASGO *(remedando a voz de Lyſandro)*

Olá! olá! olá! porque não vens, medroſo?

DEMETRIO

Se oufas, detem-te ahi já! Saltas de poufo em poufo,
fempre a fugir de mim que te não ponha a vifta!
onde eftás, onde eftás?

TRASGO

Aqui, aqui, farcifta!

DEMETRIO

Zomba, que has-de pagar-m'o! Efpera a luz, que eu veja
por onde andas, e cumpra o que o meu odio almeja.
Por ora deixa-te ir; careço de defcanço:
Sobre efta gleba fria, ao fomno aqui me lanço;
a noite (vive Deus!) depreffa fe limita!
apenas clarear conta-me co'a vifita!

(Deita-fe no chão e adormece.)

SCENA XXVII

LYSANDRO adormecido, DEMETRIO adormecido,
o TRASGO e HELENA

HELENA

Já me canças, já me enfadas,
teimoſa noite; abrevia
eſtas horas eſtiradas
de ſuſpirar pelo dia.
Não tardes não, claridade,
que anceio voltar a Athenas;
eſcuſam-ſe novas penas
em tão ruim ſociedade.
E tu, tu, que ás vezes fechas
os olhos á propria dôr,
ſomno amigo, por favor,
interrompe as minhas queixas.

(Deita-ſe e adormece.)

TRASGO

Só tres; falta uma ainda; e ſommarão dois pares.
Eil-a! que triſte vem! pezar dos maus pezares!
Cupido, eu te renego! endoidecer mulheres
é o teu debique ſummo, e a gloria que preféres.

SCENA XXVIII

Os MESMOS e HERMIA

HERMIA

Ai de mim! trifte e cançada,
a refiftir já não valho!
toda empapada do orvalho,
dos tojos toda rafgada!
Paro aqui, não poffo mais;
jazo, até que dia feja.
Lyfandro, o céo te proteja,
fe em defafio ateimais.

(Deita-fe e adormece.)

TRASGO

Formofa roftolhada! ora dormi bem fundo!
A ti, fino amador, os olhos já te inundo
co'o filtro de condão!

(Expreme uma herva nos olhos de Lyfandro)

Em vendo, ao defpertares,
a amante por quem tu fempre bebefte os ares,

que fefta não vais ter! é certo o aldeão dictado:
o bem de cada um por Deus lhe eftá guardado.
O embaralhar da forte ao cabo tudo irmana;
João fempre afinal acerta com Joanna;
feu tefto a cada vazo; o céo é que o deftina.
Viva quem vem á luz com tão ditofa fina!

(Sai o Trafgo deixando os quatro adormecidos.)

FIM DO 3.º ACTO.

ACTO IV

O meſmo boſque.

SCENA I

TITANIA, CANELLAS; FADAS da comitiva de TITANIA rodeiam CANELLAS, OBERON por traz ſem ſer viſto

TITANIA *(a Canellas)*

Oh! que florída cama!
ſentemo-nos aqui!
Feitiço meu, por ti,
ſou toda fogo e chamma.
Deixa-me acarinhar-te!
que lindo! que loução!
Que bem que hão-de ficar-te,
poſtas por minha mão,

n'efta cabeça linda,
rofas de mufgo!

(Depois de o enfeitar, contemplando-o com defvanecimento)

ahi eftá!
Ai minha gloria infinda,
quem não te adorará?
Orelhas mageftofas,
inda eu vos não beijei!
como abanais airofas!
de encanto igual não fei!

CANELLAS

Onde eftá Flor-da-ervilha?

FLOR-DA-ERVILHA

Aqui.

CANELLAS

Se pódes
coça-me, Flor-da-ervilha, efta cabeça.
Que é feito do Senhor Teia-de-aranha?
*

TEIA-DE-ARANHA

Prefente.

CANELLAS

Cavalheiro, por obfequio
arme-fe, e vá matar-me aquella abelha
dos pés roxos, no cardo alcandorada;
o bolfilho do mel, tire-lh'o, e traga-m'o;
mas olhe que na empreza não fe arranhe,
meu guapo cavalheiro; e, fobretudo,
que o bolfilho do mel fe lhe não rompa;
efcufamos de ver enxovalhado
um fenhor tão cafquilho. E que é da noffa
Semente-de-moftarda?

SEMENTE-DE-MOSTARDA

Ás ordens.

CANELLAS

Venha
effa mão. Por favor, minha Senhora,
deixemos efcufadas contumelias.

SEMENTE-DE-MOSTARDA

Que manda, Senhor meu?

CANELLAS

Nada; ſó peço
que ajude eſte Senhor Teia-de-Aranha
a coçar-me a cabeça. Hei-de ir ao meſtre
barbear eſta felpa do focinho,
que me come a valer; ſou um burrico
tão melindroſo, que em ſentindo um pello,
já não poſſo parar que me não coce.

TITANIA

Deſejas regalar-te,
meu adorado amor,
a ouvir agora muzica,
muzica de primor?

CANELLAS

Sim, tenho bom ouvido. Elles que tragam
ferrinhos mais a chave.

TITANIA

E o meu querido
que ha-de comer?

CANELLAS

Eu fei! uma maquia
de bom grão, por exemplo: aveia fecca
era pitança d'alma; uma gavella
de feno bom, tambem me arranjaria;
nada chega ao bom feno; quem o cheira
logo orneia por mais.

TITANIA

Tenho uma fada
das mais efpertas; encarrego-a de ir-me
vafculhar no celleiro da doninha
e trazer-te de lá nozes d'efte anno.

CANELLAS

Um punhadito ou dois de favas feccas
era o mais do meu gofto. Olhe, aos feus fervos
queira agora dizer que não me acordem;
entrou comigo um fomno!...

TITANIA

Ah! dorme! dorme
entre eftes braços. Fadas minhas, prefto,
deixai-nos fós. Cada uma ao feu encargo!

(Sáem as fadas.)

SCENA II

Os MESMOS, menos as FADAS

TITANIA

Affim fe abraça olente madrefilva
á madrefilva agrefte, e a hera ao olmo.
Oh! como eu te amo! oh! como tu me endoidas!

(Titania e Canellas adormecem.)

OBERON

Cala; vamos Robim, desburrifica-o logo;
e tu, Titania minha, annue-me a novo rogo:
convoca a tua orcheſtra, e co'a magia ſua,
tão profundo dormir n'eſtes cinco ſe influa,
como jámais coubeſſe em viventes.

TITANIA

Olá,
genios da melodia, um concerto, já, já,
de enfeitiçar o ſomno.

TRASGO *(tirando a Canellas a cabeça de burro)*

Acordarás a ver
co'os teus olhos de alvar, tudo no proprio ſer.

OBERON

Soe a muzica!

(Ouve-ſe muzica ſuaviſſima.)

E nós, Rainha de Oberon,
travar mãos, e girando uma chacoina ao ſom,
ninaremos co'os pés o berço dos dormidos.
Dia grande! aurea paz! ambos de novo unidos!

Ámanhã, quando fôr meia noite, abriremos
nos paços de Thefeu com todos os extremos
de gloriofo triumpho, as danças nupciaes,
fadando-lhes progenie igual ás mais reaes.
Lá, eftes dois cafaes de finos amadores,
fe unirão egualmente em vinculos de flores;
co'a fefta do gran Duque á fua fefta unida,
a tres pares fe eftreie o fummo bem da vida!

TRASGO

Rei dos genios, attenção,
que d'entre os nocturnos véos,
já fobe a calhandra aos céos
co'a matinal faudação.

OBERON

Partamo-nos fem demora;
e é voar, fenhora minha!
Silencio! pois fe avifinha,
e colher-nos póde, a aurora.
Mais ageis que a lua errante
rodeamos nós a efphera.

TITANIA

Vamos, fim, meu regio amante!
oh! quem já faber me déra

como é que hoje pernoitei
entre mortaes! É myſterio,
que no noſſo vôo ethereo
me ha-de explicar o meu Rei!

(Sáem. Raſga o dia. Soam cornetas a alvorada.)

SCENA IV

Entram THESEU, HYPPOLITA, EGEU e as ſuas comitivas

THESEU

Que é do noſſo coiteiro? onde eſtará? chamae-o.
Pois ſe acha concluida a noſſa feſta ao maio,
e podemos contar co'a manhã toda, eſpero
que o latir dos meus cães, por harmonioſo e féro
recreie a minha noiva. A matilha impaciente,
deſatrellada, e ſolta ao valle do poente!
O coiteiro que é d'elle? a minha ſoberana
hoje é que vai goſar enlevos de Diana,
quando no alto do monte eſcutar confundidos
dos ſabujos e do echo os rabidos latidos.

HYPPOLITA

Faço ideia. Uma vez em Creta aſſiſti eu
á caçada real de um urſo giganteu,

por Hercules e Cadmo, aſſombros da floreſta,
com moloſſos de Sparta, heroes dignos da feſta.
Celeuma tão feroz jámais a ouvi; não era
ſó na matta o rugir da matinada fera:
céos, fontes, toda a terra, e tudo, parecia
altear á competencia a eſtranha vozeria.
Não, nunca, nunca ouvi muzico temporal,
nem trovão de concerto, áquelle eſtrondo igual.

THESEU

Raça dos cães de Sparta, os meus tambem: beiçudos,
moſqueados no pello, a tal ponto orelhudos,
que varrem do terreno o orvalho da manhã;
per nas zambras, barbella, em ſumma, quazi irmã
da dos bois da Theſſalia; em perſeguir não campam,
certo é, mas no ladrar, quando a ladrar deſtampam;
travam tão a preceito os groſſos tons e os finos,
que nem um carrilhão de temperados ſinos.
Nunca tão delicioſo abrir de montaria
ſe alliou co'a buzina em matta re-ſombria
de Theſſalia, de Sparta ou Creta. Ouvil-os-heis;
e ſe exagero ou não, vós propria julgareis.
Tate! nymphas aqui! quem ſerão?

EGEU

Senhor meu,
eſta é a minha filha em gremio de Morpheu;

iſto é Lyſandro; aquelle é Demetrio; olha a Helena,
a do velho Nédáro, aqui tambem; que ſcena!
tudo junto e a dormir!

THESEU

Na conta agora caio;
quizeram vir tambem render ſeu culto ao maio;
ergueram-ſe mais cedo, e ſabendo quaes eram
as noſſas intenções, tambem acá vieram
juntar-ſe á noſſa feſta, é claro; treſnoitados,
jazem, como ſe vê, no ſomno mergulhados.
Mas recorda-te, Egeu; não era n'eſte dia
que a tua Hermia eleger ſeu fado emfim devia?

EGEU

Senhor, ſim.

THESEU

Dize logo á gente da caçada
que os dormentes acorde ao ſom d'uma alvorada.

(Alvorada de buzinas, vozeria feſtival fóra da ſcena.)

SCENA V

Os MESMOS, DEMETRIO, LYSANDRO, HERMIA, HELENA, acordados e levantando-ſe

THESEU

Bom dia, amigos! É paſſada
a feſta de São Valentim;
não é deſde hoje (acho que ſim)
que ſe acazala a paſſarada
n'eſte ſelvatico jardim?

LYSANDRO

Perdão, meu Principe.

(Ajoelham todos a Theſeu.)

THESEU

De pé;
ſem ceremonia, eu vol-o rogo.
Sendo rivaes e hoſtis até,
não me direis como foi logo
que entrou nos dois tal boa fé,
que ſem o minimo receio,
nas trevas, juntos pernoitaſtes?

LYSANDRO

Reſponderei, ſe n'eſte enleio
de mal deſperto, acertar meio
de obedecer ao que ordenaſtes;
e, antes de mais, Senhor, vos juro,
que o achar-me eu n'eſte logar,
myſterio é tal, e tão obſcuro,
que ninguem, hoje ou no futuro,
ſerá capaz de o deſlindar.
Mas... quer-me agora parecer...
ſe hei-de dizer toda a verdade,
como ante o Duque é meu dever,
que vim com Hermia!... e, em realidade,
com Hermia vim... (céos! que prazer!
vou-me lembrando claramente;)
fugir de Athenas era o fito
do noſſo amor ſincero e ardente,
por nos furtarmos ſem delicto
ao ſeu foral duro e inclemente.

EGEU

Baſta, baſta, Senhor; contra elle invoco a lei.
Vês, Demetrio? fugiu, deixando a dois roubados:
a ti, da eſpoſa; a mim, ſeu pae, e que t'a dei,
do meu jus paternal, d'um jus dos mais ſagrados.

DEMETRIO

Foi a Helena que me diſſe
traçar-ſe aquella evaſão;
meu furor fez que os ſeguiſſe;
e ella a mim, ſua paixão.
Entrados, Principe, á matta,
não ſei que poder ſuperno,
(como a neve ao ſopro verno
ſe derrete e desbarata),
todo o amor que a Hermia eu tinha
o desfez ſem mais ſaudade,
do que tem a adulta idade
dos brincos de creancinha.
Hoje tenho a alma replena
d'outro amor que unico vejo;
quem me abraza, e quem deſejo,
é Helena e ſó Helena.
Eu já era o noivo d'ella,
antes de a Hermia ter viſto;
depois, entojei o apiſto
quando enfermo; ora, que a bella
ſaude é recuperada,
recobro o goſto nativo:
amo-a, quero-a, n'ella vivo,
ella, e ſó ella, me agrada.

THESEU

Ora pois, gentis amantes,
demos graças á Fortuna;
em hora mais opportuna
me direis o refto; Egeu,
vereis em breves inftantes
voffos votos excedidos,
e eftes dois pares unidos,
como Hyppolita e mais eu.
Mas a manhã já vai alta;
deixar hoje a caçaria!
Eia! a Athenas! prefto, em via!
faufto dia! alegre mez!
maias flores, que ora efmalta
bemdicção do amor mais terno,
vinde ao templo em laço eterno
reunir co'as tres, os tres!
Minha Hyppolita! partamos;
os momentos que tardamos
roubos fão a nós, bem vês.

(Sáem Thefeu, Hyppolita, Egeu, e fuas comitivas.)

SCENA VI

DEMETRIO, LYSANDRO, HERMIA, HELENA

DEMETRIO

Quanto por nós é paſſado,
começa-me a parecer
um ſonho mal apagado,
coiſas de tão pouco ſer,
como ſerras indiſtinctas
ao longe entre um nevoeiro.

HERMIA

E eu cuido treſver; que tintas
entre o falſo e o verdadeiro!

HELENA

Tambem eu; Demetrio faz-me
o effeito de joia achada;
é meu? não é meu? apraz-me;
iſto ſei, não ſei mais nada.

DEMETRIO

Tendes vós toda a certeza
de eftar-fe agora defperto?
eu, por mim, julgo mais certo
fermos d'um fonho inda preza.
O Duque não era aqui?
não nos ordenou feguil-o?

HERMIA

Tal qual; inda julgo ouvil-o;
e meu pae, tambem o eu vi.

HELENA

E eu a Hyppolita.

LYSANDRO

Ao altar
mandou feguirmol-o.

DEMETRIO

Eftamos
acordados pois; partamos,
partamos fem mais tardar.

Para todos adivinho
que vêm lá fados rifonhos;
podemos pelo caminho
ir contando os noffos fonhos.

(Sáem. No momento de defapparecerem, defperta Canellas.)

SCENA VII

CANELLAS, fó, julgando-fe ainda entre os companheiros

Chegando a minha vez, chamem-me, e prompto.
O meu papel diz: — «Pyramo tão lindo...»
Olá! Pedro Marmelo! olá! Gaitinhas!
Remenda-folles! Caldeireiro! Trombas!
Esfomeado! Efta agora é que é bonita!
apanham-me a dormir, fafam-fe todos.
Que fonho que eu fonhei! não ha no mundo
maginação tão doida que o defcreva!
Quem tentaffe botar-lhe algum fentido,
era por força um afno. Imaginei-me
fer uma coifa que ninguem percebe...
fim, julgava... fim, tinha... fó um doido,
d'eftes de pedras, procurára um nome
ao que eu penfava fer n'aquelle fonho.

Hei-de ver ſe faz d'elle uma ballada
Pedro Marmelo. O titulo, eſtá viſto
qual ha-de ſer: «O Sonho de Canellas!»
e eu que a eſpero cantar perante o Duque!
talvez até no tranzito da Thisbe,
para ſahir a coiſa com mais graça!

(Sai.)

QUADRO VI

Em Athenas, caſa de Marmelo.

SCENA VIII

Entram MARMELO, GAITINHAS, TROMBAS
e ESFOMEADO

MARMELO

Mandaram ver que é feito do Canellas?
Voltaria á poiſada?

ESFOMEADO

É ſujeitinho
de quem não ha noticia em parte alguma;
dou que anda enfeitiçado.

GAITINHAS

Se elle falta,
adeus auto, pois não?

MARMELO

Quem o duvída?
corram co'um prégo accezo Athenas toda,
que não acham ſegundo como aquelle
para o papel do Pyramo.

GAITINHAS

E decerto,
em talento não ha n'eſta cidade
meſteireiro nenhum como o Canellas.

MARMELO

De mais a mais o heroe da peça é elle;
ſabe arrulhar como rolinha macha!

GAITINHAS

Qual rolinha! ou qual rolo! é uma ave phenix!

SCENA IX

Os MESMOS e MESTRE RABOTE

RABOTE

Senhores meus, já vem do templo o Duque;
d'efta feità é caforio acogulado
com dois cafaes ou tres. Que defarranjo
não fe ter realifado a brincadeira,
que a todos nos tirava o pé do lodo!

GAITINHAS

Ah! meu rufião Canellas! que perdefte
n'uma bolada a renda vitalicia
de feis pennys por dia; eram feis pennys
que vinham como xara ao teu bolfinho;
com menos d'iffo não pagava o Duque
ver-te fazer de Pyramo; o carrafco
que me enforque, fe minto; e merecíal-o!
feis pennys por te ver fazer de Pyramo,
era um gofto de graça.

SCENA X

Os MESMOS e CANELLAS

CANELLAS

Onde estão elles,
a bella rapaziada, os meus valentes?

MARMELO

Ditoso dia! instante afortunado!
viva o Canellas!

CANELLAS

Tenho, meus senhores,
muito que lhes contar; não me perguntem
o que foi; se explicar-vol-o quizesse,
ter-me-hieis todos vós por patranheiro,
mais que Atheniense algum, se bem que seja
quanto por mim passou pura verdade.

MARMELO

Conta, Canellas meu, conta!

CANELLAS

Não conto.
Nada de perder tempo; só vos digo,
que o senhor Duque já sahiu da meza;
tratem de engalanar-se a toda a pressa;

atem as barbas co'o maior preceito,
e enaſtrem os chapins com fitas novas.
Hemos de ir a palacio; é recordar-ſe
cada um do ſeu papel, porque a tragedia
já ſe annunciou; com iſto digo tudo.
A Thisbe leve roupa lavadinha;
o que faz de lião, não roa as unhas,
que hão-de ſervir de garras; ſobretudo,
caros actores, de cebola e alho
deſpeçam-ſe por hoje; os noſſos ditos
reſcendem a doçura, e fôra improprio
baforal-os com peſtes d'eſſa caſta,
ás ventas do auditorio eſclarecido.
Mas baſta de palrar; é tempo; vamos!

(Sáem todos.)

FIM DO 4.º ACTO.

ACTO V

QUADRO VII

Apofento nos paços de Thefeu.

SCENA I

THESEU, HYPPOLITA, PHILOSTRATO, Fidalgos, comitiva

HYPPOLITA

As narrações d'eftes amantes,
caro Thefeu, fão de abyfmar.

THESEU

Contos, ficções extravagantes,
partos da mente a delirar.
A namorados e alienados,
pede a razão fe não dê fé;
pois fe elles vêem o que não é,
como hão-de fer acreditados?

Doido, poeta, e namorado,
nada mais tem que phantaſia:
para as viſões que o doido cria
o inferno todo era apertado;
o que na aza anda ferido
faz d'uma negra uma lindeza;
o vate, emfim, com a alma acceza,
que até lhe luz no olhar perdido,
da terra aos céos, dos céos á terra,
ſalta n'um ai. Quem adivinha
nunca, onde eſtá nem por onde erra
aquella eterna ventoinha?
Do extravagar naſcem chimeras
que têm um ar de realidade;
aſſim, quando o eſtro a mente invade,
cria phantaſticas eſpheras;
de entes fictícios as anima,
com elles trata, acha-os reaes!
O idear! o idear é don que prima
por creador entre os mortaes.
Se ſe eſtá ledo, houve emiſſario
que nos trouxeſſe eſſe prazer;
na eſcuridão pelo contrario,
ſe algum terror nos vem colher,
cada eſpinheiro é logo um urſo,
de guella aberta contra nós.

HYPPOLITA

Sim, na verdade o bom diſcurſo
dita o que exprime a tua voz;

porém o que elles nos declaram
do que efta noite os tranftornou,
que nem o amor lhes refpeitou,
e os corações fe lhes mudaram,
traz um tal ar de convicção,
que fe não dá nos fingimentos;
não fei fe fão ou não portentos,
porém reaes á fé que o fão.

SCENA II

Os MESMOS, LYSANDRO, DEMETRIO, HERMIA,
HELENA

THESEU

Vel-os lá vêm todos radiantes,
os noffos quatro defpofados!
Goftos fem fim, ditofos fados,
vos doirem todos os inftantes!
Amigos meus, voffa ternura
vos reflorefça cada dia!

LYSANDRO

E a vós, fenhor, inda a ventura
raie mais cheia de alegria!

Os paſſatempos e os amores,
vos dêem na vida o mago enleio
de um reſvalar por ſobre flôres,
no leito, á meza, e no paſſeio!

THESEU

Mas vamos nós: a eternidade
que vai da ceia ao recolher
n'um dia tal, como é que ſe ha-de
disfarçar hoje com prazer?
Não ha hi dança ou maſcarada,
que nos encurte eſtas tres horas?
Que é da peſſoa encarregada
de abreviar eſtas demoras,
o meu mordomo dos recreios,
Philóſtrato?

PHILOSTRATO

Eis-me aqui, ſenhor.

THESEU

Se tendes comicos, trazei-os,
e que nos dêem, ſeja o que fôr;
o eſſencial, é que a impaciencia
d'eſte eſperar pela ventura,
ſe engane ao menos co'a doçura
que empreſta a muzica á exiſtencia,

ou ſe atordôe co'o tumulto
de algumas maſcaras.

PHILOSTRATO

Aqui
vem o programma do que urdi
para o ſarau. Senhor, conſulto
o voſſo goſto ſobre a eſcolha.
Dos paſſatempos que achareis
por mim lançados n'eſta folha,
qual para introito eſcolhereis?

(Entrega o rol a Theſeu.)

THESEU *(lendo)*

«Centauros. Sua guerra. Obra em verſo, cantada
na harpa, por um rapſodo, eunucho athenienſe.»

(Fallando)

Adiante. É gloria velha á eſpoſa já narrada,
entre as do meu parente o heroe amphitrionenſe.

(Lendo)

«'As bacchantes em orgia, accezas de ebria audacia,
eſpoſtejando em furia ao gran-cantor da Thracia.»

(Fallando)

É tambem velharia. Até me lembra ainda
de a ter visto depois da minha ultima vinda
de Thebas com victoria.

(Lendo)

«As musas pranteando
da sciencia, morta á mingua, o caso miserando.»

(Fallando)

Algumas explosões de satyra mordente
com que não têm que ver festas de amor contente.

(Lendo)

«Auto enfadonho e curto ao caso desastrado
de Pyramo e de Thisbe, entremez ordenado
em fórma de tragedia.»

(Fallando)

Olá! eu d'esta vez
é que nada percebo. Um tragico entremez!
e obra curta e enfadonha! é como quem differa
sorvetes a escaldar! Que enigma d'alta esphera!

PHILOSTRATO

É peça, meu ſenhor, que ao todo póde ter
dez phrazes quando muito; e, no meu entender,
nas dez, ha dez de ſobra; ahi eſtá porque enfaſtia.
Não ha compoſição, em ſumma, mais ſandia;
não tem uma expreſſão que acerte no ſentido,
nem um unico actor co'o ſeu papel ſabido.
Lá bem tragica, iſſo é. Pyramo, por deſgraça
co'o ſeu ferro de pau o peito ſe traſpaſſa;
quando eu tal vi no enſaio, as lagrimas, ſenhor,
foram tantas em mim, co'um rir ſuffocador,
como nunca jámais as derramou ninguem.

THESEU

E os actores quem ſão?

PHILOSTRATO

Uns pobres, mas de bem,
de calejadas mãos, officiaes de officio
d'eſta voſſa cidade, actores não por vicio,
nem já por vocação, como outros curioſos;
em lidas corporaes muitiſſimo aguçoſos,
mas em pontos de engenho, artes, talento, ou goſto,
taboas razas 'té hoje. Agora hão-ſe propoſto

a facção de embutir aquillo na memoria,
só co'a mira, senhor, na esplendida vangloria
de virem contribuir aos festejos ducaes.

THESEU

Oiçamol-os embora.

PHILOSTRATO

Ouvir comicos taes,
e em tão ignobil peça! impossivel! repito
que a ouvi de cabo a cabo; era um rol infinito
de sandices de marca; a menos, meu senhor,
que lhes não leve em conta as intenções, o amor
que têm a Vossa Alteza, e a faina azafamada
em que andam para dar-lhe o que lhes tanto agrada.

THESEU

Que importa! nada é mau, quando a simplicidade
offerta á boa mente em prova de lealdade.
Que entrem, vamos ver isso; e vós, nobres senhoras,
sentae-vos ao theatro; ornae-o, espectadoras.

(Sai Philostrato.)

SCENA III

Os MESMOS menos PHILOSTRATO

HYPPOLITA

Eu por mim, vendo a fraqueza
forcejar, ſem conſeguir,
e o zelo em nobre entrepreza
vãos esforços conſumir,
fico afflicta.

THESEU

Mas, querida,
aqui não receies tal.

HYPPOLITA

E a declaração formal
por nós n'eſte inſtante ouvida,
de que eſſa gente coitada
ſe arroja ao que obter não ſabe?

THESEU

Logo, mór louvor nos cabe
ſe a agradecemos de nada.

Regalemo-nos de os ver
ſinceros extravagar;
ſobra-nos para os louvar
o empenho de nos prazer.
Muita vez, correndo mundo,
me aconteceu ver-me á frente
de homens de engenho profundo,
que vinham expreſſamente
com diſcurſos eſtudados
dar-me os emboras; chegavam,
tremiam, balbuciavam,
davam em ſecco paſmados;
todos os ſeus comprimentos
cifravam-ſe na mudez;
pois aquella timidez
cá para os meus ſentimentos
valia mais que eloquencias,
juro-t'o. O amor quando cala
por tolhido, então nos falla
melhor que fatuas vehemencias.

SCENA IV

Os MESMOS e PHILOSTRATO

PHILOSTRATO

Se Voſſa Alteza o deſeja,
o Prologo ahi eſtá já prompto.

THESEU

Pois que entre; vem muito a ponto;
e Minerva que o proteja!

(Tanger de trombetas.)

SCENA V

Os MESMOS e a figura do PROLOGO

PROLOGO

Se não goſtardes do auto que trazemos...
ſim... não é noſſa a culpa, eſtá ſabido...
ſim... que a noſſa tenção não foi moer-vos,
foi preſentar-vos, ſim... uma amoſtrinha
de amor, e do pouquito que podemos.
Aqui eſtá o principio verdadeiro
do noſſo fim; portanto, eſtá bem viſto,
que vimos a tremer; ſim... que não vimos
co'a preſumpção de vos cauſarmos goſto.
Tudo que em nós couber, ha-de fazer-ſe,
não para voſſo enlevo, e ſim co'a mira
em não ralar. A companhia é preſtes.
Colligireis das fallas dos actores
o que ſaber do auto vos releva.

THESEU

Quanto a pontos e fentido,
o farçante é pouco meftre.

LYSANDRO

O Prologo efpavorido,
lembrava um poldro filveftre,
que arrebata a quem o monta,
e que o freio não contém.
Quem fallou fem pezo e conta,
não fallou; fallar é bem.

HYPPOLITA

Certo é; recitou aquillo
como um muchachinho toca:
dá fons da flauta que emboca,
mas não ha quem poffa ouvil-o.

THESEU

Que falla! não me lembrava,
fenão um grilhão em monte.
Ha hi quem lhe os elos conte
n'aquella cegueira brava?
Mas bafta de tal difcurfo.
Philóftrato, que mais temos?
como apreffar poderemos
ás horas o tardo curfo?

SCENA VI

Os MESMOS, PYRAMO, THISBE, a PAREDE, o LUAR,
e o LEÃO (efpecie de pantomima)

PROLOGO

Nobre auditorio! dou que eftais pafmados
do prefente efpectaculo; e affim mefmo
é que deveis ficar, até que venha
a verdade a final pôr tudo em limpo.
Efte fujeito é Pyramo (fuppondo
que o defejais faber); efta beldade
é a Thisbe, eftá claro. Effe marmanjo,
todo de cal e geffo emboldreado,
reprefenta parede, a vil parede
que feparava os noffos namorados,
e fó por uma fenda, coitadinhos,
os deixava fallar de parte a parte,
como era de razão. O da lanterna,
co'o feu cão e a gavella de filvedo,
figura de luar; que os namorados,
fe inda não fabeis ifto, ao luar é que iam
fem efcrupulos ver-fe ao prazo dado
no tumulo de Nino, afim... em fumma,
de papearem de amor mais a feu falvo.
Efta féra beftial que leão fe chama,
certa noite que a Thisbe refoluta
chegára antes do amante, fez-lhe medo,
digo até que a aterrou, pol-a em fugida.

N'aquelle ſeu fugir, cahiu-lhe a capa;
e o bruto deſalmado, co'a dentuça
a eſcorrer ſangue, achando-a, eſpedaçou-lh'a.
Sobrevem logo o Pyramo, eſte moço
esbelto e bem fornido; acha o cadaver
da capa do ſeu bem, puxa da eſpada,
ſim, da eſpada homicida e ſanguinoſa,
e em ſi a eſpeta impavido; eſpadana-lhe
a ſangueira do peito; ora, entretanto,
a Thisbe, que ſe tinha demorado
ao pé d'uma amoreira, torna ao ſitio,
entende o caſo, arranca a eſpada, e vara-ſe.
De tudo mais vos darão logo conta
co'as ſuas proprias fallas, a Parede,
o Luar, o Leão, e os dois amantes.

(Sáem o Prologo, Thisbe, o Leão, e o Luar.)

SCENA VII

Os MESMOS, menos o PROLOGO, THISBE,
o LEÃO, e o LUAR

THESEU

Um leão que ſó dá urros
como é que póde fallar?

DEMETRIO

Não é coiſa de paſmar,
quando ſe ouvem palrar burros.

A PAREDE

N'efte paffo do auto, eu, por alcunha
o Trombas, finjo um muro; mas um muro
velho e todo rachado; muitas vezes
atravez d'eftas rachas, Thisbe e Pyramo
vem fegredar amor intimamente.
Ser eu um muro é claro, e claro o moftram
a minha pedra e cal e efte rebôco;
ifto fuppofto, reparae na fifga
por onde, um da direita, outro da efquerda,
vêm fallar baixo os noffos dois medrofos.

(Eftende um braço com a mão aberta, e um largo interfticio entre dois dedos.)

THESEU

Para um cimento lanzudo
não fallou mal.

DEMETRIO

Eu, fenhor,
muro melhor fallador...

THESEU

Vem Pyramo; agora mudo!

SCENA VIII

Os MESMOS e PYRAMO

PYRAMO

Oh! noite horrivel! noite negra! noite!
tu que eftás fempre onde não eftá o dia!
noite! noite! ah! ah! ah! fe á minha Thisbe
paffaria da ideia o noffo ajufte!
Tu, dôce e amavel muro, levantado
entre o chão do paì d'ella e o meu, defcobre-me
a tua fifga; efpreitarei por ella.

(O muro eftende o braço com a mão aberta e os dedos apartados, diante da cara de Pyramo)

Graças, muro cortez! Jove te ampare.
Porém, que vejo? oh! céos! não vejo Thisbe!
Muro ruim que o meu prazer me efcondes!
malditas fejam tuas falfas pedras!

THESEU

Acho que o muro, uma vez
que é dotado de razão,
lançará ao defcortez
maldicção por maldicção.

PYRAMO *(aproximando-ſe a Theſeu)*

Não, ſenhor; onde diz: «¡malditas ſejam
tuas falſas pedras», é a deixa, e péga
logo a falla da Thisbe; ella apparece,
e eu eſtou cá pela greta a cogial-a.
Já vai ver que é tal qual... Vel-a lá chega.

SCENA IX

Os MESMOS e THISBE

THISBE

Que vezes me não tens ouvido, oh! muro,
ſuſpirar por nos teres apartados
um do outro, eu e o Pyramo! que vezes
tenho pregado os meus purpureos labios
n'eſta argamaſſa toſca!

PYRAMO

Não me engano:
diviſei uma falla; á fenda torno
a ver ſe *eſcuto,* ó Thisbe, o teu ſemblante.

THISBE

Amorinhos! és tu? és, amorinhos?

PYRAMO

Quer me creias, quer não, ſou o cavalheiro
teu namorado, outro fiel *Limandro.*

THISBE

E eu tambem outra Helena, até que o fado
me aſſaſſine.

PYRAMO

O *Bucephalo* da hiſtoria
não foi mais leal do que eu á ſua *Pocris.*

THISBE

E eu tambem, nem *Bucephalo* me ganha
em ſer com *Pocris* no que eu ſou comtigo.

PYRAMO *(pregando os labios nos dedos do muro)*

Pela aberta do muro excommungado
venha um beijo!

THISBE *(pregando os labios do outro lado do muro)*

O que eu beijo, não ſão labios,
é poeira e terriça.

PYRAMO

Queres, Thisbe,
ir ter comigo ao tumulo de *Nico?*

THISBE

Morta ou viva, é já já!

O MURO *(abaixando o braço)*

Tenho acabado
o meu papel; por conſeguinte, ſafo-me.

(Sáem o muro, Pyramo, e Thisbe.)

SCENA X

Os MESMOS menos o MURO, PYRAMO, e THISBE

THESEU

E foi-ſe. Foi-ſe a barreira
que apartava os dois queridos.

DEMETRIO

Paredes que tem ouvidos
ſão preſtes á voz primeira.

HYPPOLITA

Nunca vi tantos diſlates!

THESEU

No genero extravagante,
a obra mais delirante
é ſempre a de mais quilates;
e depois a phantaſia,
que faz de pedras eſtatuas,
empreſta ás obras mais fatuas
a ſua propria poeſia.

HYPPOLITA

N'eſſe caſo, quem a méta
attingiu, por conſeguinte,
foi o talento do ouvinte,
não o engenho do poeta.

THESEU

Não ache em nós mais rigores
que em ſi meſma a pobre gente;
fica um theatro excellente,
e elles optimos actores.
Calemo-nos; attenção!
Vejamos a que ora vem
eſtes dois brutos além,
a Lua e mais um Leão.

SCENA XI

Os MESMOS, o LEÃO, e a LUA

LEÃO

Senhoras! vós, que vos finais de medo
vendo correr-vos perto um morganhinho
da maior pequenez, arripiadas
haveis de eſtar por força e eſpavoridas
vendo um leão feroz, aqui, rugir-vos
com toda a ſua furia! Aſſocegae-vos.
Qual leão! nem leôa! iſto é fingido.
Quando não, quem da jaula me ſoltava?
E mais; ſe eu foſſe féra em realidade,
que vieſſe cá, de eſtomago damnado,
em que freſcos lençoes me não mettia!

THESEU

Lindo bruto, e boa alminha!

DEMETRIO

Melhor, nunca em bruto a vi!

LYSANDRO

A féra mais monteſinha
parece rapoſa aqui.

THESEU

Ou pato.

DEMETRIO

Pato e rapoza
a um tempo não póde ſer,
que a rapoza, não repouſa
co'os patos ſem os comer!

THESEU

Ponto em todos eſſes chiſtes
com que o bom ſenſo ſe amua!
Oiçamos agora a lua,
que nunca fallar a ouviſtes.

A LUA

Senhores! a lanterna que eſtais vendo,
figura-vos a lua e ſeus dois galhos...

DEMETRIO

Era mais conveniente
ter poſto os galhos na teſta!

THESEU

Se foſſe quarto creſcente,
ſim, mas lua cheia é eſta.

A LUA *(recomeçando)*

Senhores! a lanterna que eſtais vendo
figura-vos a lua e ſeus dois galhos;
e eu, finjo o homem que ſe vê na lua.

THESEU

Que abſurdeza! o figurão,
ſe o juizo lhe governa,
devia vir na lanterna
em vez de a trazer na mão.
Aſſim, varreu-ſe a illuſão
do homem da lua.

DEMETRIO

Percebo;
temeu vir no lampião
a par com morrões e cebo.

HYPPOLITA

Eſta lua já me apura!
tomára eu outra!

THESEU

A julgal-a
pelo que a vemos de eſcura,
é minguante e cedo abala.

Mas emfim, a cortezia
ſobre outras razões me pede,
que á lua que ſe deſpede
não tape a bocca em tal dia.

LYSANDRO

Vamos; quem póde, concede.
Continúa, lua, avia!

A LUA *(creſcendo para o auditorio)*

Falta-me ſó dizer iſto que digo:
que eſta lanterna é a lua; que o da lua
ſou eu; que eſte meu feixe de ſilvedo
é o feixe d'elle; e o cão que me acompanha,
em ſumma, é o proprio cão do tal figuro.

DEMETRIO

Bem; ſe tudo iſſo é da lua,
metteſſe-o no lampião.
Mas lá vem Thisbe; attenção!
oiçamos a falla ſua!

SCENA XII

Os MESMOS e THISBE

THISBE

Cá eftá o maufoleu do velho *Nico*.
Que é do meu bem?

LEÃO *(rugindo)*

Hão! Hão!

(Thisbe foge, deixando cair a capa.)

DEMETRIO

Viva o leão! que rugido!

THESEU

E a Thisbe! que ligeireza!

HYPPOLITA

E a lua então! a clareza
com que tem refplandecido!

(O leão defpedaça a capa da Thisbe.)

THESEU

Bem arpoado, leão!

(O leão fai.)

SCENA XIII

Os MESMOS, menos o LEÃO

DEMETRIO

Vem Pyramo; o trifte acua
fe divifa a capa.

LYSANDRO

Á lua
eclipfou-fe o lampião.

SCENA XIV

Os MESMOS e PYRAMO

PYRAMO

Bem hajas, meiga lua, pelo brilho
dos teus raios de fol; dou-te mil graças
por tanto refplendor, pois me permittes
com a tua aurea luz embevecer-me
em contemplar a minha Thisbe amada.
Mas tate! Ai dôr! Vejamos! Defditofo!
Que defaftre cruel! Vêdes, meus olhos?
É poffivel? tu, tu, minha rolinha!

Efta capa! a melhor! tinta de fangue!
Aproximae-vos, defpiedadas furias!
Parcas, vinde! cortae-me o extremo fio!
derrubae! deftrui! aniquilae-me!

THESEU

Quafi que afflige tal magoa
de quem perde o unico bem.

HYPPOLITA

O mefmo finto eu tambem;
tenho os olhos razos d'agoa!

PYRAMO

Para que eram leões, oh! natureza!
fe efte leão perverfo ha deshonrado
a minha eftremecïda! a que é... a que era
a mais formofa frol que houve entre damas!
Vinde, lagrimas, vinde, e confumi-me!
fái, minha efpada, e vara-me efte peito,
aqui, do lado efquerdo, onde me pula
o coração! expiro, expiro, expiro!
Já morri, fui-me embora. A alma de Pyramo
é no céo. Lingua, ceffa! oh! lua, foge!
D'efta vez, morro, morro, morro, morro!

(Cai moribundo; a lua fai.)

SCENA XV

Os MESMOS, menos a LUA

DEMETRIO

E fez ponto.

LYSANDRO

Olé ſe fez!
ponto devéras final.
Nunca fez nenhum mortal
taes pontos mais d'uma vez.

THESEU

Se houveſſe um cirurgião
póde ſer que inda o ſalvaſſe,
e o ſeu brazão conſervaſſe
á burrical geração.

HYPPOLITA

E a lua foi-ſe, pergunto,
antes da Thisbe chegar?
como ha-de ella ſem luar
atinar co'o ſeu defunto?

THESEU

Co'a luz dos aſtros. Oiçamos
o que dirá; lá vem ella
findar co'a ſua querella
a tragedia em que penamos.

SCENA XVI

Os MESMOS e THISBE

HYPPOLITA

Por Pyramos d'eſta caſta
não póde ſer longa a pena,
acho eu; qualquer phraze baſta;
Deus lh'a depare pequena.

DEMETRIO

D'entre o amante e a ſua amada
qual é que vantage alcança?
para inclinar a balança,
ſobrára um atomo, um nada.

LYSANDRO

Já co'os ſeus bellos olhinhos
biſpou o morto.

DEMETRIO

Lá vai
deſabafar ſeus carinhos
e ſua dôr. Eſcutae.

THISBE *(encurvando-ſe para o corpo de Pyramo)*

Dormes, amor? Finado! meu pombinho!
Levanta-te d'ahi, Pyramo, falla!
falla! Pois nada, nada inteiramente!!
Morto! morto! ha-de a terra, olhos queridos,
encobrir-vos!! nariz acerejado;
teſta de liz; queixadas amarellas,
qual flôr de orelha d'urſo; acabou tudo!
acabou tudo! Suſpirae, amantes!
Ai, olhos verdes, como flôres d'alho!
Co'as voſſas lacteas mãos, valei-me oh! Parcas!
no meu ſangue as tingi, já que as theſoiras
podéſtes pôr na ſeda do ſeu fio!
Lingua, baſta! Vem cá, fiel eſpada!
vem, catana, em meu ſeio te mergulha!
Adeus, amigos! Foi-ſe a Thisbe, adeus!
adeus, fecho como elle os olhos meus!

(Traſpaſſa-ſe, e cai morta.)

THESEU

Para enterrar os finados
resta o Luar e o Leão.

DEMETRIO

Que podem ser ajudados
do muro de divisão.

CANELLAS *(levantando-se)*

Qual muro! o muro foi-se! Agora escolham,
se querem *ver* o epilogo, ou preférem
ouvir um bailarico bergamasco
por dois socios da nossa companhia.

THESEU

Nada de epilogo. A peça
apologias dispensa,
e até desculpas. Quem pensa,
(n'uma desgraça como essa
em que tudo ficou morto)
quem pensa em glozas? só acho
que o auctor, o genio macho
que escreveu tão raro aborto,
se se encarrega da parte
do Pyramo, e em vez de espada,
co'a liga da sua amada
se afoga, era a gloria da arte.

Aſſim meſmo o auto é bonito,
e não fez em ſcena fiaſco.
Deixe o epilogo, repito;
venha o baile bergamaſco!

(Sai uma dança palhaça.)

Meia noite! meia noite!
grita o bronze. Álerta, amantes!
tudo ao thalamo ſe acoite
dos eſpiritos vagantes!
Ámanhã, creio que o dia
não virá de madrugada.
Noſſo amor, e eſta noitada,
já cá dentro m'o annuncia.
Eia, amigos! preſto! aos leitos!
vezes quinze inda nos reſta
que amor traga aos ſeus eleitos
renovada eſta aurea feſta!
Quinze dias em caricias!
quinze noites em folgar!
onde ha hi, onde ha delicias,
quaes nós vamos desfructar?

(Sáem todos.)

QUADRO VIII

Magnifico veſtibulo do palacio de Theſeu.

SCENA XVII

O TRASGO *(com uma vaſſoira de gieſtas)*

Chega a hora em que ruge o leão;
ao luar uiva o lobo; e o colono
ſe refaz no ſilencio do ſomno
para as lidas que á eſpera lhe eſtão.

O tição na lareira vaſqueja;
pia o mocho; e ao enfermo affligido
entremoſtra, co'o torvo gemido,
a mortalha que perto lhe alveja.

É a hora nocturna em que aberta
cada cova deſpede um finado,
que lá ſegue, ſóſinho e calado,
pela fenda da egreja deſerta.

E nós efpiritos,
nós, comitiva
do carro de Hécate
que ao fol fe efquiva,
nós, trafgos, fylphides,
duendes, fadas,
das trevas fequito,
vifões fonhadas,
folgar no tacito
da treva groffa!
aproveitemo-nos
de hora tão noffa!
Não oufe o minimo
dos morganhitos,
turbar-vos o ocio,
lares bemditos!
Para iffo, eu, nuncio,
com gieftas fó,
aqui do introito
vos varro o pó.

SCENA XVIII

O MESMO, OBERON, TITANIA, e fua comitiva
de FADAS

OBERON

Jaz em filencio o paço; e eftão morrendo os lumes;
chega o momento noffo! Aqui, fubtís cardumes!

fadas, genios, aqui, já já, eu vol-o mando!
ſurdi, quaes d'um ſarçal, os paſſaros em bando!
Acorrei a dançar, e repeti comigo
cantos de boa eſtreia aos noivos que bemdigo!

TITANIA

Ditae vós o theor. Nós todas, de mãos dadas,
o papearemos logo, em tripudio de fadas,
chamando á eſtancia auguſta as bençãos mais doiradas.

(Tripudio acompanhado de canto ſobrenatural,
com palavras indiſtinctas.)

OBERON

Correi, fadas, girae no paço deſde agora,
'té que nos céos deſponte a luz da freſca aurora.
E nós, Titania minha, ao thalamo ducal
vamo-nos influir com proſperos auſpicios
a fauſta bemdicção dos fados mais propicios,
que aos fructos d'eſte amor abranja por igual.
Aos tres pares, que amor agora meſmo enlaça,
mandamos que jámais ſe esfolhe o bemquerer;
e que a eſtação de amar, que aos mais tão breve paſſa,
logre n'eſtes caſaes perpetuo floreſcer!
E, por que em nada emfim a dita ſe lhes quebre,
os filhos que hão-de vir, deſar nenhum terão:
nem malhas, nem ſignaes, nem o beiço de lebre,
nem finalmente, e em ſumma, o minimo ſenão.

Ora ſus! fadaría! Andar, colher dos prados
rócio de antemanhã, que é rócio de virtude!
aſpergir cada quarto! e paz que nunca mude
ſerá voſſo condão, tectos afortunados.

Preſto! preſto! abalemo-nos! preſto!
Lá da noite no ultimo reſto,
quando a aurora penſar em ſurgir,
baſtará nos tornemos a unir.

(Sáem Titania e Oberon com as ſuas comitivas.)

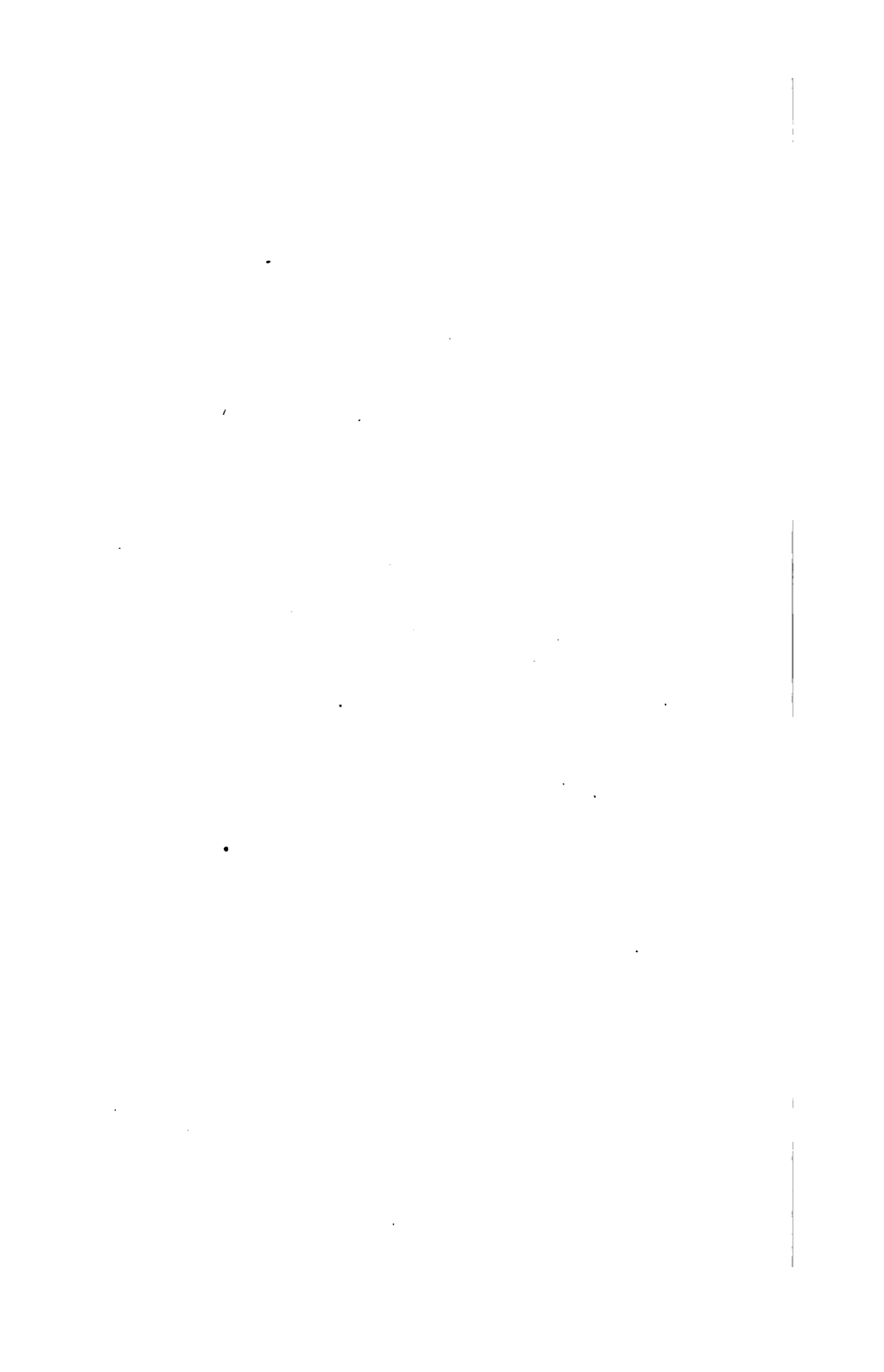
SCENA XIX

O TRASGO *(ao publico)*

Phantaſticos moradores
das regiões extra-mundo,
ſe deſprouvémos, ſenhores,
a vós, inda habitadores
d'eſte planeta profundo,
bom remedio; imaginae
que pelo ſomno paſſaſtes;
que eſtando a dormir, ſonhaſtes;
que o ſonho durou um ai,
e que n'outro ai acordaſtes.

D'efte enredo frouxo e vão,
levae fómente a lembrança
d'uma paffada illufão;
e em nós, co'o voffo perdão,
dobrae força e confiança.
Palavra de trafgo honrado:
fe efcapamos d'efta vez
aos filvos do drago irado,
o bem que hoje fe não fez,
far-fe-ha breve, e melhorado;
crede no voffo Robim.
E agora, benigna gente,
effas mãos todas a mim!
o Trafgo, esforçado affim,
voffo fica eternamente!

FIM DO 5.º E ULTIMO ACTO.

NOTAS

NOTAS

I

RAZÃO DO TITULO

Não ferei eu quem a dê; ha-de fer Francifco Victor Hugo, o mais cabal interprete, até hoje, das obras de Shakefpeare. Ora ouvi-o:

« O titulo pofto por Shakefpeare á fua peça *Midfummer night's dream*, não vai aqui no francez textualmente vertido, por não fer poffivel.

« A expreffão *Midfummer*, deixar fallar os diccionarios, não tem equivalente verdadeiro em francez. *Midfummer* não fignifica propriamente o meio do eftio; não é um prazo incerto do anno. *Midfummer* é um dia de fefta, inteiramente britannico, marcado no calendario proteftante no dia 24 de junho, ifto é, no começo do eftio, correfpondente ao S. João no calendario catholico.

« Na Inglaterra de Shakefpeare a vefpera do *Midfummer* era a noite phantaftica por excellencia. N'effa noite, e no momento a ponto em que nafcera S. João, é que fahia da terra a afamada femente de feto, que tinha a virtude de tornar invifivel. Para haverem efta femente, pelejavam entre fi com toda a braveza as fadas capitaneadas da fua rainha, e os demonios fob o mando de Satanaz. Os magicos mais deftemidos, coftumavam

ter-ſe de véla nas ſolidões, com o intuito de ganharem por mão aos eſpiritos, e apanharem primeiro que elles, a precioſa ſemente. Muitas vezes porém lhes ſuccedia aguentar com elles deſavenças pavoroſas; e a não terem por ſi feitiços de grande poſſe, levavam a vida em contingencias. N'eſſes lances, os mais bem livrados eram os que ſó vinham ſovados do conflicto.

«Groſe, no ſeu *Provincial Gloſſary*, falla d'um individuo, que tendo ido á cata da ſemente, foi arraſtado dos eſpiritos, deſancado á mão tente, e ſahiu da balburdia deſcarapuçado. Ao cabo, cuidando ter apurado para ſi uma boa quantia da ſemente, fechada n'um cofre com todo o reſguardo, quando chegou a caſa deu com elle vazio.

«Na meſma meia noite quem quer que eſtiveſſe ſentado, e em jejum, no portal d'uma egreja, podia ver os eſpiritos das peſſoas que tinham de morrer na freguezia no decurſo do anno; eſtes atraveſſavam o cemiterio encarreirados na meſma ordem como os haviam de enterrar, encaminhavam-ſe para a porta da egreja, e batiam.

«Conta o auctor do *Pandemonium*, que uma noite um dos que velavam ao portal d'uma egreja, ſe deixára adormecer, e os outros que permaneciam deſpertos, viram a alma d'elle bater á porta, ſem o corpo ſe lhe bolir d'onde jazia.

«Querendo uma rapariga n'eſſa noite averiguar quem viria a ter por marido, cumpria-lhe eſtar em jejum, e apparelhar uma ceia no melhor apoſento da caſa, para o que recobria a meza com uma toalha alva, pondo-lhe em cima pão, queijo, e cerveja boa; abria a porta da rua, voltava para dentro, e ſentava-ſe.

«Á meia noite entrava a ſombra do ſeu predeſtinado, encaminhava-ſe para a meza, enchia um copo, bebia á ſaude da noiva, cortejava-a, e ſahia.

«Outro modo coſtumado das raparigas inglezas para evocarem a apparição dos ſeus maridos futuros, conſiſtia em deſenterrarem um pedaço de carvão de pedra que ſe achaſſe por baixo da raiz da tanchagem, e ſotopol-o ao traveſſeiro. Tinham por infallivel que haviam de ver em ſonhos o ſeu futuro. Crença e coſtume, que ainda no fim do XVII ſeculo ſubſiſtiam.

«*No verão paſſado,* eſcreve o chroniſta Aubry em 1695, *paſſeava eu na veſpera de S. João Baptiſta n'um paſcigo por traz de Montagne Houſe. Era meio dia quando aviſtei umas vinte e duas ou vinte e tres mulheres, quaſi todas bem entrajadas, e todas agachadas, como que a deſmondar. A principio não pude perceber a ſignificação d'aquillo; mas ao cabo, houve um moço que me diſſe que andavam á procura d'um certo carvão por baixo da raiz da tanchagem, para o metterem n'eſſa noite ſob o cabeçal, e verem por ſonhos os que haviam de ſer ſeus maridos.*

«As deſavenças das fadas com os demonios n'eſſa noite, preoccupavam a todas as cabeças. Quem adormecia, já podia contar com os ſonhos mais extravagantes e eſtramboticos.

«Na *Noite de Reis,* Olivia fallando do ſuppoſto extravagar de Malvolio, dil-o tomado do deſatino de *Midſummer.*»

«De tudo iſto ſe conclue que Shakeſpeare no intitular eſta ſua comedia de fadaría: *Midſummer night's dream,* nol-a quiz dar por um ſonho inſolito como o poderia ter um dormente por noite de S. João. E elle proprio explica eſſe penſamento no epilogo final, quando o Traſgo diz aos eſpectadores:

«If we shadows have offended,
Think but this (and all is mended),
That you have but ſlumber 'd here,
While theſe viſions did appear.
And this weak and idle theme,
No more yielding but a dream,
Gentles, do not reprehend.

Phantaſticos moradores
das regiões extra-mundo,
ſe deſprouvémos, ſenhores,
a vós, inda habitadores
d'eſte planeta profundo,

bom remedio; imaginae
que pelo fomno paffaftes;
que eftando a dormir fonhaftes;
que o fonho durou um ai,
e que n'outro ai acordaftes.
D'efte enredo frouxo e vão,
levae fómente a lembrança
d'uma paffada illufão;
e em nós co'o voffo perdão,
dobrae força e confiança.

«Muitos commentadores por defattentárem n'efta explicação dada pelo proprio poeta, phantafiaram que por efte titulo: *Midfummer night's dream,* quizera elle efpecificar o prazo em que o enredo da comedia fe paffava. A prova de que andaram errados n'effe juizo, é o cuidado com que o auctor nos precaveu, por bocca de um dos interlocutores, de que a acção fe dá no começo de maio. Quando Thefeu defcobre na matta maravilhofa os quatro amantes por terra a dormir, diz a Egeu que certamente haviam de ter vindo celebrar o rito de maio, e para iffo madrugaram. Portanto, não é, como geralmente fe cuida, *n'uma noite de eftio,* que Bottom (Canellas) e Titania fe enamoraram; foi fim n'uma noite de primavera.»

«Efta rectificação não fe podia difpenfar, vifto accufarem a Shakefpeare de intitular a peça á toa, cahindo em contradicção comfigo mefmo.»

«A verdade é que tal contradicção não exifte. Os fucceffos phantafticos a que o leitor imagina affiftir, fonhando, fe dão na primeira noite de maio; mas o fonho, imagina-fe que o auditorio o tem na noite de 23 ou 24 de junho, vefpera de *Midfummer.*»

Continuemos a ouvir Hugo, coifa que ainda faz ao noffo propofito:

«Para traduzir por um equivalente o titulo inglez, podia eu ter chamado a comedia: *Sonho d'uma noite de S. João,* mas

para leitores francezes esse titulo era vazio de sentido, porque em França não se cazam com essa noite solemne, as mesmas phantasticas superstições que em Inglaterra. Intendi portanto que podia conservar na peça traduzida a versão litteral da obra prima de Shakespeare: *Sonho d'uma noite de estio.*»

Concluamos agora nós com observar que essa ponderação, que judiciosamente o induziu a chamar a comedia franceza *Sonho d'uma noite de estio*, em vez de *Sonho d'uma noite de S. João*, que seria o proprio, de modo nenhum procede para um traductor portuguez.

A noite de S. João não é talvez muito mais inçada de praticas supersticiosas, crenças de prophecias, e chimeras poeticas, entre o povo inglez, que pelos nossos campos, e até pelas nossas cidades; e já póde ser que no contrabalanço levassemos nós a melhoria, se cada provincia, cada serra, e cada aldeia, concorresse com todo o seu muito haver, e a sua muito maior carencia de bom discurso, n'estas e n'outras materias semelhantes.

Fica-nos de sobra justificado, segundo nos parece, o titulo de *Sonho d'uma noite de S. João.*

II

THESEU *(Duque d'Athenas)*

A qualificação de *Duque de Athenas* só figuradamente se póde applicar ao famigerado Theseu. O titulo ducal, em qualquer das accepções que se lhe foram com o girar dos tempos variando até aos nossos dias, é posterior largos seculos a Theseu. Shakespeare só o poude empregar aqui como synonymo de tyranno (recebido o nome á boa parte), de Rei, ou soberano de um estado; isso foi-o sem duvida Theseu para os athenienses.

Poſto não ſeja facil a nós outros, cá tão longe, deſlindar com grandes probabilidades de acerto, o verdadeiro e o fabulado que engrandeceram para a poſteridade aquelle ſemi-deus da Grecia antiga, que mereceu erigir-ſe-lhe um dos templos mais faſtoſos, e dos menos arruinados ainda hoje, ſempre fica indubitavel haver ſido Theſeu um excellente principe, guerreiro dos mais esforçados, bom politico, fundador e civiliſador, e um dos primeiros benemeritos da Attica.

Tal o concebeu a maravilhoſa intuição do noſſo poeta, e aſſim nol-o repreſenta no correr da acção.

Grande foi, ſegundo nos parece, a allucinação de Franciſco Victor Hugo, quando na 2.ª nota á comedia eſcreveu o ſeguinte:

«O titulo de Duque de Athenas dado a Theſeu, para logo nos indica o perſonagem que nos apparece.

«O Theſeu de Shakeſpeare não é o Theſeu da antiguidade, o vencedor do Minotauro, o ſeductor de Ariadne, o marido da inceſtuoſa Phedra. É ſim um grande ſenhor da edade média, que do claſſico ſó tem o nome; não é um heroe, é um cavalleiro. Não offerece ſacrificios a Apollo; feſteja o dia de S. Valentim, e em formoſos verſos o declara. Não ſó é poſterior a Dido, mas é-o até á invenção do brazão, do qual Hermia faz a Helena deſcripção tão por miudo.»

«Para o veſtir á propria, não deviam, como hoje ſe faz no theatro inglez, entrajal-o de chlamyde, calçar-lhe coturno, e pôr-lhe capacete criſtado á grega; haviam de o repreſentar como Shakeſpeare o phantaziára: guarnecido d'uma armadura da Renaſcença, com eſcudo d'armas ſobre a coiraça, corôa no capacete, e brandindo não o ferro ſem punho como os primeiros athenienſes, mas ſim a eſpada damaſquina de Bayardo ou de La Palice.»

«Em ſumma o *ennobrecimento* de Theſeu, não data do XVI ſeculo, mas ſim do XIV», etc.

Achamos admiravelmente falſo todo eſte arrazoado de Hugo, e contraproducente o quinau que imagina ter dado aos emprezarios e actores inglezes, pelo modo como caracterizam o Theſeu.

Que ha um anachronifmo, e fobeja contradicção entre o heroe tão anterior ao chriftianifmo, e o feftejar elle a S. Valentim, é ponto affente e inconteftavel; mas quantos outros anachronifmos, e em compofições mais hiftoricas do que efta, fe não poderiam notar ao noffo admiravel poeta?

Agora admittindo-fe a hypothefe de fer efte Thefeu, não o antigo, mas outro pertencente já ás eras modernas, pofterior a Dido, pofterior ao brazão, etc., que explicação, que defculpa, imagina o critico fer poffivel para as allufões claramente expreffas pelo mefmo Thefeu ao feu parente Hercules, á guerra dos Centauros e Lapithas, ao feu regreffar victoriofo de Thebas? e o feu defpoforio com a rainha das amazonas! e as fuas caçarias em Creta com Hercules e Cadmo! e tantos outros teftemunhos egualmente flagrantes, entre os quaes não avulta pouco o dialogo de Titania com Oberon na fcena II do acto II!

De incoherencia e anachronifmo, não fe nos figura que poffa alguem livrar aqui o noffo auctor; mas o que em noffa confciencia entendemos, e damos por mais que provavel, é que anachronifmo por anachronifmo, menos efcandaliza o do S. Valentim na bocca do Thefeu mais de duas vezes millanario, que o cardume d'elles muito mais deftemperados que reffaltariam das fallas de um Thefeu, cavalleiro da edade média.

Sobretudo não efqueçamos que a acção da comedia é fonhada, e que nos fonhos, todos fabem por experiencia o como tempos, logares, e até peffoas, fe baralham, e permutam entre fi, atropellando não fó a logica, mas até a poffibilidade.

Em qualquer noite, quanto mais na de S. João, tudo cabe em quem eftá fonhando.

III

HYPPOLITA

Efta ex-rainha das amazonas, affim como os feus eftados exclufivamente femininos, é em boa verdade entidade mais que nebulofa e fufpeitiffima. Objecções não leves fe levantam da parte da natureza, e as defterram para as regiões das fabulas, tão frequentadas e queridas dos poetas.

Como quer que feja, efta Hyppolita que na comedia nos apparece vencida e noiva de Thefeu, a defpeito da outra lenda que a prefume vencida por Hercules, e por elle dada ao feu parente e amigo Thefeu em cafamento, não defmente em Shakefpeare a fua indole primitiva de guerreira, mas adorna-a como quer que feja com affectos mais brandos, e mais proprios do feu fexo. Aqui virá menos heroina, mas em troca fai-nos mais devéras mulher, mais amavel, e mais de receber.

IV

EGEU

O Egeu que figura na comedia, nada tem que ver com o Egeu pai de Thefeu. Efte aqui é um cortezão velho, talhado para rizo, e fem importancia alguma, nem hiftorica, nem fabulofa.

V

MESTEIREIROS D'ATHENAS

Meia duzia d'elles nos aprefenta o poeta. O primeiro é: *Quince, the carpenter;* á lettra, *Marmello carpinteiro. O Marmello* cheira a alcunha.

O fegundo: *Bottom, the weaver.* Das muitas e diverfas fignificações da palavra *Bottom,* nenhuma nos pareceu tão apropriada para um tecelão, que a houveffemos de preferir á alcunha que lhe démos de *Canellas,* que é o nome que os do officio dão a um canudinho de canna ou páu em que fe doba o fio que ha-de faír da lançadeira para fe entretecer com os do ordume.

O terceiro: *Flute, the bellows-mender,* que quer dizer textualmente: *Flauta, concerta folles,* não perdeu, chrifmando-fe em *Gaitinhas, folleiro.*

O quarto: *Snout, the tinker, Trombas,* caldeireiro.

O quinto: *Snug, the joiner.* Varias coifas póde fignificar *Snug,* mas nenhuma d'ellas pareceu acertar bem, nem com o officio de marceneiro para fervir de apodo, nem com a parte de *Leão* que ao fujeito fe deftina no auto; por iffo, e porque tambem o ponto fe não julgou de grande fubftancia, antepoz-fe: *Rabote, marceneiro.* Rabote é uma ferramenta do officio.

O fexto: *Starveling, the tailor, o Esfomeado, alfaiate.*

Salta aos olhos a femcerimonia com que Shakefpeare trata eftes mechanicos, nomeando-os pelas alcunhas, não lhe confiando fenão papeis da mais chapada ignorancia, e condignamente executados.

VI

NOTA Á SCENA III DO ACTO I

O variadiſſimo culto de Diana, que na Grecia, e na propria cidade de Athenas foi tambem feſtejadiſſima, não deixa de ſe compadecer até certo ponto com a idéa de que poderia haver, no tempo em que a acção ſe paſſa, o que quer que foſſe parecido com uma clauſura das virgens conſagradas á grande deuſa. Veſta não teve tambem em Roma as ſuas ſacerdotizas clauſtradas, para não citarmos outros exemplos?

Pareceu-nos util e juſto lembrar iſto em abono da invenção, aliás veroſimil, de um moſteiro athenienſe habitado de virgens de Diana, com voto de celibato.

Como conciliaria o Snr. Franciſco Victor Hugo eſta referencia expreſſa, que Theſeu faz aqui a eſte mythologico monachiſmo, com a feſta de S. Valentim, fundamento, aſſim como o brazão, com que elle increpa o theatro inglez, por não veſtir á edade média o Theſeu hiſtorico-mythologico?

VII

NOTA Á SCENA VIII DO ACTO I. *(A mais que infeliz tragicomedia em que ſe amoſtra a deſaſtrada morte dos amantes leaes Pyramo e Thisbe.)*

Do poema das *Metamorphoſes de Ovidio*, livro IV, é que ſaiu a burleſca parodia que Shakeſpeare põe em acção n'eſta comedia.

Para que melhormente ſe aprecie a obra do ſegundo poeta, bom é recordar o modo como o primeiro tratára o aſſumpto.

Vamos tranſcrevel-o da verſão de Bocage, tal como a encorporámos na noſſa traducção das *Metamorphoſes*, tomo I, paginas 174:

Pyramo, ſingular entre os mancebos,
e Thisbe, ſuperior em formoſura
a todas as donzellas do oriente,
tinham contiguas as moradas ſuas,
lá, onde é fama, que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade.
A amor a viſinhança abriu caminho;
n'elles foi com a idade amor creſcendo;
e unir-ſe em dôce nó votaram ambos;
o que injuſtos os paes não permittiram.
Em vivo igual deſejo os dois ardendo,
que iſto os paes evitar-lhes não podéram,
ſem confidente algum, ſó por acenos,
por ſignaes, ſe entendiam, ſe afagavam.
Quando amor ſe recata é mais activo.
Parede, que os dois lares dividia,
raſgada eſtava d'uma tenue fenda
deſde o tempo em que foram fabricados.
Ninguem tinha notado eſte defeito;
mas que não ſente amor? que não deſcobre?!
Vós, amantes fieis, vós o notaſtes;
e d'elle ſe valeu ſagaz ternura.
Soiam por ali paſſar ſem medo
brandas finezas em murmurio brando,
d'uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,
preſtando unicamente e recebendo
ſeu halito amoroſo, aſſim carpiam:
— Invejoſa parede! a dois amantes
porque, porque te oppões? Ah! que importava,
que perfeita união nos conſentiſſes!

ou, ſe iſto é muito, ao menos franqueaſſes
aos oſculos de amor logar baſtante!
Mas, não ſomos ingratos, confeſſamos
que os noſſos corações a ti ſó devem
dôce converſação que os deſafoga. —

Separados aſſim e em vão diziam:
Dando um ſaudoſo adeus, já quaſi á noite,
ao partir, cada qual ſuave beijo
na parede inſenſivel empregava,
nem que o terno penhor chegar podéſſe
aonde o dirigia o penſamento.
Um dia, quando, roto o véo nocturno,
tinha ante os lumes da ſerena aurora
deſmaiado nos céos a luz dos aſtros,
e Phebo com ſeu raio ia ſeccando
ſobre as hervas ſubtís o frio orvalho,
ao logar do coſtume os dois volveram.
Depois de mutuamente ſe queixarem
da peſada oppreſſão, que os conſtrangia,
com mais cautela ainda, em tom mais baixo
concertam entre ſi, que, em vindo a noite,
haviam de illudir os pais, e os ſérvos,
de ſeus lares fugindo e da cidade;
que, por não ſe perderem, vagueando
pelo campo eſpaçoſo, ao pé da antiga
ſepultura de Nino ambos paraſſem,
poſtos á ſombra de arvore frondoſa:
eſta arvore, que alli ao ar ſe erguia,
carregada de fructos côr de neve,
então da côr da neve até maduros,
era a grata amoreira; amena fonte
fervendo junto d'ella o chão regava.
Quadrou o ajuſte: e nas cerúleas ondas
cahindo tardo o ſol para os amantes,
e, d'onde o ſol cahiu, ſurgindo a noite,

MARMELO

Deixe-o ſer; improviſe; o caſo todo
é rugir.

CANELLAS

O leão tambem o eu quero;
verão que bruto! rugirei por modo,
que regale o auditorio. Até Sua Alteza
me ha-de gritar «bis! bis!»

MARMELO

Se amedrontaſſes
bem de mais, aterravas a Duqueza
e as damas; era tudo em alaridos;
e nós, acto contínuo, á dependura.

TODOS

Que de cachos! arreda!

CANELLAS

Iſſo é verdade,
rapazes; ſe endoidaſſemos de medo
as damas, ſempre lá lhes ficaria
com luz quanto baſtaſſe de beſtunto
para nos pôr na fôrca; mas deſcancem,

que eu hei-de pôr na voz abafadores,
por modo que o rugir mais ſôe a arrulho
de pomba namorada; hei-de rugir-lhes,
que nem um *raxinol*.

MARMELO

Adeus; já diſſe:
o teu papel é o Pyramo, e mais nada.
O Pyramo, vês tu? é um rapazote
de aſpecto prazenteiro, um Rodriguinho
todo alfenado, á laia de uns que vemos
nos paſſeios do eſtio eſpanejar-ſe;
mui ſenhor, muito amavel; eſtá dito:
has-de fazer o Pyramo.

CANELLAS

Pois ſeja.
Que barba devo eu pôr que mais condiga
co'o tal figuro?

MARMELO

Eu ſei! a que quizeres!

CANELLAS

Tenho uma côr de palha, tenho a outra
côr de laranja, tenho uma eſcarlate,

e tambem tenho a outra, aſſim tirante
a grenha de francez, toda amarella.

MARMELO

De francez, ſe o francez não fôr pellado.
Farás o teu papel eſcanhoadinho,
que é melhor; mãos á obra, meus ſenhores.
Aqui tem cada um a ſua parte.
O que eu peço, encommendo, e recommendo,
é que as vão aprender a toda a preſſa,
que ámanhã á tardinha enſaia-ſe iſto
na matta conviſinha do palacio,
d'aqui menos de legoa, ao luar; ſe foſſe
cá na cidade o enſaio, Deus nos livre!
eram logo olheirinhos a eſpreitar-nos,
rompia-ſe o ſegredo, e a brincadeira
previſta já, ſahia-nos aguada.
Agora vou fazer o apontamento
de tudo que é miſter para effectuarmos
a repreſentação; ninguem me falte,
por quem ſão!

CANELLAS

Lá ſeremos. Boa idêa
teve o meſtre Marmelo. Aſſim o enſaio,
ſem medo de mirões, corre mais livre;

ſempre ha mais deſaffogo. Andar. As partes bem ſabidinhas. Fóra já!

MARMELO

Sentido.
No Carvalho do Duque é o prazo dado.

CANELLAS

Bom. Dê por onde dér não faltaremos.

FIM DO 1.º ACTO.

---

achada occaſião, por entre as ſombras
Thisbe aſtuta das portas volve a chave,
engana os ſeus, e ſai. Cobrindo o roſto,
caminha para o tumulo de Nino:
chega, e debaixo da arvore ſe aſſenta:
dava amor ouſadia á linda moça.
Eis que feroz leôa, enſanguentada
de recente matança a bocca enorme,
aſſoma, e vem depôr na fonte a ſêde.
Porque o pleno luar cobria o campo,
a vê, ao longe, a babylonia Thisbe;
e com timidos pés em gruta umbroſa
vai ſumir-ſe correndo, e palpitando;
e na carreira o véo lhe cai por terra.
Depois que o torvo bruto a ſêde ardente
nas aguas apagou, tornando aos boſques,
o ſolto véo ſem Thisbe acaſo encontra,
e no ſanguineo dente o deſpedaça.
Pyramo, que do lar ſahiu mais tarde,
que vê no erguido pó ſignal de féra,
e de féra no chão pégádas nota,
deſcórando, eſtremece, e, tinto em ſangue,
acha o caído véo. N'uma ſó noite
diz elle, dois amantes ſe perderam!
perdeu-ſe a bella, a triſte, a deſgraçada,
que de longa exiſtencia era tão digna!
Eu tive toda a culpa; eu, miſerando,
eu fui, quem te matou; fui, quem te diſſe,
que, de noite, que, ſó, te aventuraſſes
a tão ermo logar, tão pavoroſo;
e, para te acudir, não vim primeiro.
Lacerae-me eſte corpo abominavel,
devorae-me eſtas barbaras entranhas,
ó leões, que jazeis por eſſas cóvas.
Mas chamar pela mórte é ſó dos fracos.